

Adriano Lopes de Souza

**ALIANÇAS ENTRE TORCIDAS ORGANIZADAS: análise a partir da união estabelecida
entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2018

Adriano Lopes de Souza

ALIANÇAS ENTRE TORCIDAS ORGANIZADAS: análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Estudos do Lazer.

Área de concentração: Cultura e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2018

S729a Souza, Adriano Lopes de
2018 Alianças entre torcidas organizadas: análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem. [manuscrito] / Adriano Lopes de Souza – 2018.
77 f., enc.: il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 60-66

1. Futebol – torcedores – Teses. 2. Lazer – Teses. 3. Cultura popular – Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8



ATA DA 132ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ADRIANO LOPES DE SOUZA

Às 14h00min do dia 09 de julho de 2018 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho "*ALIANÇAS ENTRE TORCIDAS ORGANIZADAS: Análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, do Atlético - MG, a Mancha Alverde, do Palmeiras - SP e a Força Jovem, do Vasco da Gama - RJ*", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)	X	
Profa. Dra. Marina de Mattos Dantas (UFMG)	X	
Profa. Dra. Rosana da Camara Teixeira (UFF)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: aprovado

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Este documento tem validade de 60 dias.

Belo Horizonte, 09 de julho de 2018.

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)

Profa. Dra. Marina de Mattos Dantas (UFMG)

Profa. Dra. Rosana da Câmara Teixeira (UFF)

“A amizade eternizou um laço de união, somos verdade

Quero chorar o seu choro

E ver lá no céu seu sorriso

Valeu por você existir amigo.”.

Samba Enredo de 2018 da Escola de Samba Mancha Verde (Serenó, Marcelo Casa
Nossa, Darlan Alves, R Silva, R Minueto, Vitor Gabriel e Gui Cruz)

AGRADECIMENTOS

A ficha foi caindo paulatinamente. Dizia sempre aos meus pais quando passávamos pelo prédio da Escola de Educação Física que um dia entraria lá para estudar. E esse discurso se manteve durante 6 anos, em meio à cursinhos e noites sem dormir. Se o interesse era cursar educação física, havia outras possibilidades até mais fáceis de realização desse sonho. No entanto, zona de conforto nunca foi meu forte. Nunca gostei!

Com essa vontade de vencer, peculiar do povo nordestino, não “sosseguei o facho” e estabeleci como meta a UFMG. Não deveria ser sofrível o acesso à uma universidade pública, mas já sabemos como é o processo e a tendência é piorar diante do futuro político nebuloso que se apresenta.

Mas, enfim, em 2010 estava ali, conforme o “planejado” com os meus pais. E lá se foram cinco anos proveitosos na graduação. Ganhei conhecimento, amigos, irmãos e uma esposa maravilhosa. Se tem uma coisa que eu não posso me queixar é das "dádivas" que a Universidade me proporcionou.

E eu achando que o difícil era estudar em uma universidade pública. Difícil mesmo seria sair de lá. Então, decido tentar o Mestrado. Caramba! Será que eu daria conta? Um título tão importante e ainda em uma das principais instituições de ensino do país. Encarei essa empreitada. Tinha que escolher e finalizar a escrita do projeto e também entregar os documentos necessários para iniciar o processo seletivo. O prazo era exíguo e por um momento cheguei a desistir.

No entanto, é nesse momento que tiro o chapéu para a minha esposa, Ludmila. De forma tranquila e serena, me guiou impedindo que eu desistisse desse caminho. E essa dobradinha se sucedeu durante os dois anos de curso juntamente à outras realizações. Como dizia um certo carioca: "tu é muito louco!". Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo e o tempo todo.

Mas graças a Deus consegui! Na verdade, conseguimos! O "nós" foi fundamental nesse processo.

Desse modo, início os agradecimentos pelas minhas referências, Gilberto e Jairan, pela dedicação à minha formação. Pelos ensinamentos, pelo amor e o carinho incondicional. Aos meus irmãos, Lucian e Bruno por fazerem parte dessa família batalhadora e vencedora.

A Ludmila, meu melhor presente! Minha esposa, companheira e o meu alicerce. Me incentivou a começar...a continuar...e a finalizar! Sem dúvidas, a melhor escolha da minha vida!

Ao Silvio, pela orientação enriquecedora. Pela amizade, paciência e, acima de tudo, pela confiança.

Ao GEFuT pela possibilidade crescimento acadêmico e pessoal.

Ao João Paulo e aos “Silvas”, a Natascha e ao Luiz Fernando pela irmandade de sempre.

À galera do GDD CSAbes, em especial, Ginasta, Paulinho, Daniel, Nayara e Renata pela acolhida, especialmente, nos últimos passos dessa caminhada.

Aos membros da Galoucura, da Mancha Alviverde e da Força Jovem, especialmente, os mais antigos pelas informações, pelo acolhimento e pela disposição em contribuir com esse estudo.

Agradeço encarecidamente a todos que participaram desse processo.

E a caminhada não para por aqui. Que venham outros desafios!

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo geral analisar a formação de alianças entre torcidas organizadas, a partir da união constituída pelo Grêmio Cultural e Recreativo Torcida Organizada Galoucura com o Grêmio Recreativo Torcida Organizada Força Jovem e com o Grêmio Recreativo e Cultural Torcida Mancha Alviverde. Empreendemos de forma específica a descrição e a análise do processo de surgimento e manutenção dessa aliança desde a sua incipiente formação até a constituição atual. Além disso, identificamos e analisamos os espaços de sociabilidade inter-torcidas bem como os símbolos expressos por essas alianças. Foi realizada uma pesquisa de campo nas festas de aniversário das três torcidas organizadas, em razão da notória presença de membros de torcidas aliadas em eventos dessa natureza. Na esteira da realização desses eventos, a observação foi utilizada como instrumento de coleta de dados. Posteriormente, uma vez efetuado contatos com os torcedores pertencentes a essas torcidas, foi empreendida uma entrevista semiestruturada com oito torcedores que participaram do processo de formação dessas alianças. A partir dos dados coletados, verificamos que a constituição de alianças entre torcidas organizadas é um processo iniciado na década de 1980 e intensificado na década seguinte, se apresentando como um importante espaço de sociabilidade e de lazer, fundamentalmente, através das recepções às torcidas visitantes promovidas pelos agrupamentos anfitriões. Comumente, de forma incipientemente, essa interação acontecia preponderantemente nos estádios, em dias de jogos. Diante dessas primeiras alianças observamos a formação de dois grandes blocos de torcidas e também o surgimento de símbolos como forma de representação desses grupos. Com o crescimento dessas alianças, tornando-se grandes uniões de torcidas organizadas, esses espaços de sociabilidade passaram a ocorrer não só nos estádios, mas também nas sedes e nas quadras desses grupos de torcedores.

Palavras-chaves: Futebol. Aliança. Torcidas organizadas. Lazer.

ABSTRACT

This dissertation had as general objective to analyze the formation of alliances among organized cheer, starting from the union constituted by Grêmio Cultural and Recreativo Torcida Organizado Galoucura with Grêmio Recreativo Torcida Organizada Força Jovem and with Grêmio Recreativo and Cultural Torcida Mancha Alviverde. We undertake in a specific way the description and analysis of the process of emergence and maintenance of this alliance from its incipient formation until the present constitution. In addition, we identified and analyzed the inter-supporters sociability spaces as well as the symbols expressed by those alliances. A field survey was conducted at the birthday parties of the three organized supporters, due to the notorious presence of allied fans in events of this nature. In the wake of these events, the observation was used as a data collection instrument. Subsequently, once the contacts with the fans were connected to a series of fans, a semistructured interview was created with the eight fans who participated in the formation process of the alliances. Based on the collected data, we verified that the formation of alliances between organized fans is a process started in the 1980s and intensified in the following decade, presenting itself as an important space of sociability, mainly through the receptions to the cheering visitors promoted by the host groupings. Usually, in an incipient way, this interaction happened predominantly in the stadiums, in days of games. Before these first alliances we observed the formation of two large blocks of fans ones and also the appearance of symbols like form of representation of these groups. With the growth of these alliances, becoming great unions of organized supporters, these spaces of sociability happened not only in the stadiums, but also in the venues and the squares of these groups of fans

Keywords: Football. Alliance. Organized supporters. Leisure.

LISTA DE ABREVIATURAS

CBD – Confederação Brasileiro de Desportos

DPA – Dedo ‘pro’ Alto

FJV – Força Jovem

MAV – Mancha Alviverde

TJ – Torcida Jovem

TO – Torcidas Organizadas

TOG – Torcida Organizada Galoucura

TOV – Torcida Organizada do Vasco

TUSP – Torcida Uniformizada do São Paulo

TU – Torcidas Uniformizadas

UPC – União Punho cruzado

UPCO – União Punho colado

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Punhos cruzados, Punho colado e Dedo ‘Pro’ Alto e seus símbolos	13
FIGURA 2 - O jogador Diego Souza, quando jogava pelo Clube Atlético Mineiro, após uma vitória sobre o Sport Club Corinthians Paulista, em 2010. O gesto reverenciava a Torcida Organizada Galoucura (TOG), pertencente à “Dedo ‘pro’ Alto”.....	14
FIGURA 3 - Estádio das Laranjeiras na final do campeonato sul-americano entre Brasil e Uruguai, em 1919.....	33
FIGURA 4 - Arquibancadas do Maracanã, durante a final da Copa do Mundo de 1950.	34
FIGURA 5 - Torcida Uniformizada do São Paulo	36
FIGURA 6 - “Uma vez Flamengo, sempre Corinthians, uma vez Corinthians, sempre Flamengo”	46
FIGURA 7 - Arrancada Heroica, em 1942.	49
FIGURA 8 - Festa de aniversário da Torcida Organizada Galoucura. Foto retirada antes do início das comemorações.....	53
FIGURA 9 - Festa de aniversário da Torcida Mancha Alviverde. Homenagem ao Moacir e ao Cléo.....	54
Figura 10 - “Capitão” Leonardo Ribeiro, conhecido como Léo, e seu pelotão.	59
FIGURA 11 - Torcidas Jovem do Fla, Independente do São Paulo e Máfia Azul do Cruzeiro, representadas em dia de jogo	60

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivo geral.....	18
1.2 Objetivo específico.....	18
1.3 Justificativa	18
1.4 Percurso metodológico.....	20
2. DO INDIVIDUAL COADJUVANTE AO COLETIVO PROTAGONISTA: AS TRANSFORMAÇÕES EM TORNO DO TORCER	25
2.1 Da assistência ao torcer	28
2.2 As formas coletivizadas de torcer no Brasil	35
3. ALIANÇAS ENTRE TORCIDAS ORGANIZADAS E SEUS DESDOBRAMENTOS .	41
3.1. As amizades	42
3.2 Das amizades entre torcedores à formação das alianças: o protagonismo das torcidas organizadas	45
3.3 Os espaços de interação.....	51
3.4 As alianças e seus símbolos	57
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE	73

1. INTRODUÇÃO

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: A cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mas comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra o demônio da rodada. Aqui o torcedor agita o lenço, engole saliva, engole veneno, come boné, sussurra preces e maldições, e de repente arrebenta a garganta numa ovação e salta feito pulga abraçando o desconhecido que grita gol ao seu lado. Enquanto dura a missa pagã, o torcedor é muitos. Compartilha com milhares de devotos a certeza de que somos os melhores, todos os juízes estão vendidos, todos os rivais são trapaceiros. É raro o torcedor que diz: “Meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje”. Este jogador número doze sabe muito bem que é ele que sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme e, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música (GALEANO, 2009, p. 14).

Esse pequeno trecho produzido pelo jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano destaca a importância que o torcer alcançou no cenário futebolístico, notadamente, através do envolvimento emocional proporcionado pelo futebol e representado na figura do torcedor. Torcer por um clube de futebol é das atividades emocionalmente mais intensas da sociedade contemporânea (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 311). Permeado pelo relacionamento afetivo com seu clube do coração, o torcedor se constitui como o principal protagonista do espetáculo futebolístico e o torcer tem se configurado como elo de sociabilidade e importante possibilidade de lazer para os torcedores. Nessa direção, esse protagonismo tem sido amplamente debatido nos últimos anos em virtude das ações empreendidas, especialmente, pelas Torcidas Organizadas (TO).

No cenário brasileiro, essa forma coletivizada de torcer teve sua primeira aparição nas arquibancadas pelo Brasil nos primórdios da década de 1940, na cidade de São Paulo, como Torcidas Uniformizadas (TU), e na cidade do Rio de Janeiro como Charangas. Na capital paulista, de acordo com Toledo (1996, p. 22), é fundada em 1940 por Manoel Porfirio da Paz e Laudo Natel a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP). Na então capital federal, em 1942, é fundada a Charanga Rubro – Negra, organizada por Jaime de Carvalho. Na década de 1960, fundamentalmente em decorrência das transformações na forma de atuar desses grupos, surgem as incipientes torcidas organizadas. Desde então, essa manifestação torcedora difundiu-se por todo o país, ganhando notoriedade no cenário esportivo.

De acordo com Silva *et al.* (2012), as TO ganharam destaque nos meios de comunicação pela “valorização de atributos dessas agremiações no que tange ao embelezamento do espetáculo, ou através da sua demonização em decorrência de envolvimento em atos de violência, de vandalismo e infracionais (SILVA *et al.*, 2012, p. 23)”. Esse debate também tem sido contemplado pelo campo acadêmico. Silva *et al.* (2009), apontam que, principalmente, a partir do decênio de 1980, inúmeros estudos sobre o futebol e temas correlatos foram desenvolvidos e apresentados por meio de artigos, livros, dissertações e teses. Acompanhando esse cenário, as torcidas organizadas têm se configurado como um importante objeto de estudo no campo das Ciências Sociais, fomentando a discussão sobre essa manifestação torcedora.

Dentre as possibilidades de análise para o campo acadêmico, sendo objeto central dessa pesquisa, estão as alianças estabelecidas entre as torcidas organizadas. Essas alianças se constituem como uma complexa rede de sociabilidade entre as inúmeras TO espalhadas pelo Brasil. Holanda (2016), aponta que esse relacionamento inter-torcidas advém da década de 1970, a partir da criação do Campeonato Brasileiro de Futebol. Com a realização dessa competição, clubes de diversas regiões do País são cada vez mais contemplados com a participação no certame nacional. Nesse contexto de ampliação das fronteiras futebolísticas, a organização de caravanas se configurava como uma oportunidade de assistência aos jogos em outras cidades para àqueles torcedores que desejavam acompanhar seus respectivos clubes de predileção.

As viagens implicam numa maior estruturação das torcidas. Elas têm a conotação de uma “missão” peregrina, com um aspecto de altruísmo e outro de hedonismo. Produzem a coesão dos laços internos grupo. Ao mesmo tempo, apontam para a necessidade de interação com outros grupos de torcedores. A consequência das caravanas é uma ampliação das relações entre as torcidas e o surgimento das alianças (HOLLANDA, 2016, p. 392).

Atualmente, exemplificando esse cenário, apresentamos algumas dessas alianças. A União “Punho cruzado” (UPC), por exemplo, é constituída pela Torcida Tricolor Independente e Dragões da Real, do São Paulo - SP; Torcida Organizada Camisa 12, do Internacional de Porto Alegre; Torcida Jovem do Flamengo - RJ; Torcida Jovem, do Sport - PE e a Máfia Azul, do Cruzeiro - MG. A “Dedo ‘pro’ Alto” (DPA), é formada pela Mancha Alviverde, do Palmeiras - SP, Galoucura, do Atlético - MG, Força Jovem, do Vasco - RJ, Inferno Coral, do Santa Cruz - PE, Super Raça Gremista, do Grêmio - RS e Mancha Azul, do

Avai - SC. Por fim, temos a “Punho colado” (UPCO), formada pela *Young Flu*, do Fluminense - RJ; Fúria Independente, do Paraná Clube - PR; Fúria Independente, do Guarani - SP; Fúria Marcilista, do Marcilio Dias - PR; Pavilhão 6, do Clube do Remo - PA; Falange Tricolor, do Fluminense de Feira de Santana - BA e a Raça Tricolor, do Paulista de Jundiaí - SP.

FIGURA 1 – Punhos cruzados, Punho colado e Dedo ‘Pro’ Alto e seus símbolos



FONTE: <https://www.facebook.com/Punho-Cruzado-389141571229248/> Acesso em: 16 jul. 2017.

<https://www.facebook.com/Dedo.Pro.Alto/> . Acesso em: 16 jul. 2017.

<https://www.facebook.com/UniaoPunhoColado/> . Acesso em: 16 jul. 2017.

Essas uniões contemplam inúmeras torcidas organizadas, especialmente, provenientes da região sul e sudeste do país, e são representadas pelos gestos simbólicos

proferidos por seus membros. Esse gestual característico e que “batiza” essas grandes uniões é visualizado nas redes sociais e também através dos produtos confeccionados por essas organizações, tais como camisas, bandeiras e bonés. É comum também os atletas repetirem esse gestual em campo como forma de reverenciar os seus torcedores.

FIGURA 2 - O jogador Diego Souza, quando jogava pelo Clube Atlético Mineiro, após uma vitória sobre o Sport Club Corinthians Paulista, em 2010. O gesto reverenciava a Torcida Organizada Galoucura (TOG), pertencente à “Dedo ‘pro’ Alto”.



Fonte: Disponível em: <http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/diego-souza-insiste-em-sabotar-a-propria-carreira-e-um-suicidio-atras-do-outro-08082011/>. Acesso em: 16 jul. 2017.

Na região norte e nordeste do Brasil, as torcidas organizadas também possuem sua própria rede de sociabilidade, apresentando uma sistematização diferenciada quando comparamos com as uniões existentes na região sul e sudeste. Esse relacionamento se estabelece a partir da formação de dois grandes blocos, sendo comumente conhecidos como lado “A” e lado “B”. Sobre a constituição desses “lados”, Souza e Antônio (2014) discorrem a respeito:

O chamado Lado A inclui as TOs: Leões da TUF (Fortaleza), Jovem Garra Tricolor (Fortaleza), Mancha Azul (CSA - AL), Máfia Vermelha (América-RN), Trovão Azul (Confiança – SE), Bamor (Bahia), Inferno Coral (Santa Cruz), Jovem do Galo (Treze-PB), Jovem do Guarany (Guarany - CE), Motofolia (Moto Clube-MA) e Remoçada (Remo - PA). Seguindo as rivalidades de cada uma dessas torcidas, seria possível deduzir o Lado B, que conta com: Cearamor (Ceará), Força Independente (Ceará), Jovem do Botafogo (Botafogo - PB), Comando Vermelho (CRB-AL), Garra Alvinegra (ABC - RN), Jovem Fanático (Náutico - PE) e Tubarões da Fiel (Sampaio Corrêa - MA) (SOUZA; ANTÔNIO, 2014, p. 10).

Demonstrando o quão complexa se constitui essa rede de relacionamento inter-torcidas, embora cada região apresente sua particularidade quanto a formação dessas alianças, essa relação não ocorre isoladamente. De acordo com Souza e Antônio (2014), as torcidas organizadas que constituem tanto o lado A quanto o lado B assim como as TO de clubes menores, como a Raça Tricolor, do Paulista de Jundiaí, aparecem nessas uniões – DPA, UPCO e UPC – como torcidas “agregadas”. Outrossim, dentro de um mesmo grupo, uma ou mais torcidas podem constituir um elo mais forte entre elas quando comparado às outras que fazem parte da mesma aliança.

Sobre essa característica, destaco dentro da DPA, a presença de um vínculo envolvendo três torcidas organizadas que se apresenta como um dos mais antigos e importantes relacionamentos inter-torcidas. Essa pequena rede é constituída pela Torcida Organizada Galoucura (TOG), do Atlético – MG, a Mancha Alviverde (MAV), do Palmeiras – SP e a Força Jovem (FJV), do Vasco da Gama – RJ.

A partir das considerações apresentadas no escopo introdutório desse trabalho, a centralidade dessa investigação passa pela formação das alianças entre as torcidas organizadas. No entanto, diante da complexidade dessa rede, será empreendida uma análise a partir das três torcidas organizadas mencionadas – TOG, MAV e FJV –, atentando-se ao processo de surgimento dessa aliança desde a sua emergente formação perpassando pelo cenário atual, buscando identificar e compreender os significados em torno desse relacionamento e seus espaços de sociabilidade. Diante do objeto apresentado, alguns questionamentos serão apresentados com o objetivo de fomentar a construção da problemática assim como nortear o campo de análise dessa pesquisa.

Um dos pontos centrais dessa pesquisa perpassa pela compreensão das torcidas organizadas enquanto espaço de sociabilidade para os seus componentes. Para esse debate, recorreremos aos apontamentos apresentados pelo sociólogo alemão Georg Simmel. Diante dos pressupostos teóricos apresentados pelo autor, entendemos que a sociedade se constitui como

um espaço de interação entre os indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades (SIMMEL, 2006, p. 59). Ao pensarmos nas relações estabelecidas entre as pessoas dentro da nossa sociedade, é importante destacar que ela não ocorre simplesmente ao acaso. Existem motivações e interesses em comum que direcionam para o estabelecimento de um relacionamento e, conseqüentemente, de uma unidade entre os indivíduos inseridos nesse cenário.

Atentando-se ao objeto de análise, as TO se apresentam como um importante espaço de interação entre àqueles que compõem esses grupos. Dentro de uma mesma torcida, é de se imaginar que a agremiação clubística representada seja a motivação central da relação desses torcedores. Por exemplo, dentro da Galoucura, espera-se que todos estejam ali, fundamentalmente, em função do apoio ao Atlético Mineiro. No entanto, conforme já apresentado anteriormente, as TO e, evidentemente, seus membros relacionam-se com outros grupos de torcedores das mais diversas localidades. Obviamente, nesse contexto, o clube não é o motivo central desse relacionamento, existindo, portanto, outras afinidades que aproximem essas organizações de torcedores.

Dessa forma, portanto, quais foram as motivações que conduziram as três TO – TOG, MAV e FJV – para a constituição de uma aliança? O que significou essa aliança naquele momento de emergência dessa formação? Se relacionavam com outras torcidas? Como se operacionalizavam essas alianças?

Embora sejam elementos importantes para constituição de um relacionamento entre as pessoas dentro de uma sociedade, essas afinidades se materializam na medida em que possibilitam a interação entre os indivíduos.

Em si e para si, essas matérias com as quais a vida se preenche, essas motivações que a impulsionam, não têm natureza social. A fome, o amor, o trabalho, a religiosidade, a técnica, as funções ou os resultados da inteligência não são, em seu sentimento imediato, por si sós, sociais. São fatores da sociação apenas quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação (SIMMEL, 2006, p. 60).

A partir das considerações simmelianas, novamente remetendo ao objeto de análise, independentemente das motivações que permeiem as alianças, não basta simplesmente fazer parte dessa rede de relacionamento inter-torcidas. Para configurá-la como espaço de

sociabilidade, é fundamental que haja interação entre as torcidas e seus respectivos membros constituintes dessa aliança. No entanto, ciente da importância desse cenário interativo, as três torcidas organizadas analisadas nesse estudo estão sediadas em diferentes cidades. Dessa forma, portanto, quais eram os espaços de interação dessas torcidas à época do surgimento dessa aliança? E hoje? Quais espaços são compartilhados por esses grupos de torcedores?

Finalizando, momentaneamente, esse debate fazendo uso dos apontamentos de Georg Simmel, presenciamos a existência de gradações nesse relacionamento inter-torcidas. Essa característica é facilmente visualizada nas redes sociais virtuais, sobretudo, nas páginas oficiais dessas torcidas. Nesses espaços de discussão, nas conversas entre os torcedores é comum o uso de termos como “torcida amiga” ou mesmo “torcida parceira”. Nessa direção, Souza e Antônio (2014) apresentam o termo “torcidas agregadas”, referindo-se ao relacionamento das TO constituintes dos lados “A” e “B” com as torcidas organizadas da região sul e sudeste.

Para Simmel (2006), esse processo de diferenciação apresentado é comum durante o processo de formação e constituição de grupos, ainda que compactuem de anseios em comum. O interesse pela diferenciação chega a ser grande o suficiente para produzi-la na prática, mesmo onde não haja nenhum motivo para isso (SIMMEL, 2006, p. 46).

Percebe-se, assim, que associações – desde grupos legislativos até agremiações com fins de diversão – com pontos de vista e objetivos unificados, após algum tempo, se desmembram em facções que se relacionam entre si da mesma maneira que, quando unidos, se mobilizariam contra um grupo de tendência radicalmente diferente (SIMMEL, 2006, p. 46).

Nesse cenário, a partir das TO contempladas nesse estudo, mesmo que façam parte de um mesmo grupo e compartilhem de interesses afins, existem gradações entre as torcidas? Como se estabelece essa diferenciação?

Além desses questionamentos apresentados, a utilização de símbolos como forma de identificação desses grupos também se apresenta como possibilidade de análise. Conforme apresentado anteriormente, destacamos três grandes grupos de torcidas organizadas – “Punho cruzado”, “Dedo ‘pro’ Alto” e “Punho colado” – no qual comumente são lembrados por gestos específicos. Esse gestual simbólico se caracteriza como um marco distintivo inter-torcidas. Nessa direção, quando surgem e o que significam esses gestos? A partir desses

questionamentos, apresentaremos a seguir os objetivos e justificativas desse estudo, além da metodologia utilizada.

1.1 Objetivo geral

Analisar a formação de alianças entre torcidas organizadas, a partir do vínculo constituído pelo Grêmio Cultural e Recreativo Torcida Organizada Galoucura, Grêmio Recreativo Torcida Organizada Força Jovem e o Grêmio Recreativo e Cultural Torcida Mancha Alviverde.

1.2 Objetivo específico

Descrever e analisar o processo de surgimento e manutenção dessa aliança desde a sua emergente formação até a constituição atual;

Identificar e analisar os espaços de sociabilidade inter-torcidas;

Identificar e analisar os símbolos expressos por essa aliança;

1.3 Justificativa

A partir da revisão bibliográfica em torno das torcidas organizadas, é perceptível uma preocupação do campo acadêmico em problematizar a relação desses grupos de torcedores com as transgressões na esfera futebolística, diante da ênfase dada a temática violência (PIMENTA, 1995; SILVA, 1996; MONTEIRO, 2001; BATISTA, 2005; RIBEIRO, 2010; BATISTA, 2011; CANALE, 2012; LARA, 2014; PALHARES, 2014; RODRIGUES, 2014; SOUZA, 2014; BAGNI, 2016; MAGALHÃES, 2015; MARQUINHO, 2016), e também em analisar a construção identitária estabelecida por esses grupamentos (DIAS, 1991; TOLEDO, 1994; GIANOLI, 1996; SANTOS, 1998; TEIXEIRA, 1998; FERNANDES, 2000; OLIVEIRA, 2000; CAVALCANTI, 2002; SANTOS, 2013; VASCONCELOS, 2016).

Diante da ênfase direcionada para os temas mencionados, inevitavelmente, outros assuntos foram pouco enfatizados ao longo do tempo pela academia. Dentre as possibilidades de análise que têm recebido pouca atenção, sobretudo, do campo acadêmico, estão as alianças estabelecidas entre as torcidas organizadas. No entanto, dada sua importância no cenário futebolístico, percebe-se uma carência de pesquisas que empreendam uma análise destacada em torno desse relacionamento inter-torcidas.

Sobre esse aspecto, ainda que não se constituísse como objeto principal de análise, Toledo (1996) e Teixeira (1998) discorreram sobre essa relação a partir das torcidas organizadas da cidade de São Paulo e das torcidas jovens da cidade do Rio de Janeiro, respectivamente, destacando esse relacionamento no âmbito local. Hollanda (2008), também destaca em seu trabalho de doutoramento esse cenário de alianças, sobretudo, assim como Teixeira (1998), enfatizando a cidade do Rio de Janeiro. Souza e Antônio (2014), sendo parte de um projeto maior, também discorrem sobre essa temática, destacando o cenário de alianças entre torcidas organizadas na região norte e nordeste do país.

Ainda que a temática dessa pesquisa seja apontada nesses trabalhos citados anteriormente, compreendemos que esse relacionamento é contemplado de forma panorâmica, não sendo o objetivo principal desses estudos, pouco enfatizando o processo de construção dessa rede, sobretudo, no âmbito interestadual. A elaboração do presente estudo, portanto, se apresenta como relevante na medida em que surge como possibilidade de preenchimento de uma lacuna pouco explorada pelos estudiosos do futebol, principalmente, das torcidas organizadas no campo das ciências humanas e sociais. Nessa direção, incentivando o desenvolvimento de novas pesquisas sobre esse relacionamento inter-torcidas, fomentando o debate dessa manifestação torcedora. Igualmente, entendendo que as alianças entre TO se apresentam como espaço de sociabilidade e de lazer para os torcedores, essa pesquisa poderá subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas de esporte e lazer para efetivação desse direito, garantido pela constituição federal, pelos torcedores.

1.4 Percurso metodológico

Diante da configuração do delineamento dessa pesquisa, a abordagem empreendida no estudo foi de cunho qualitativa. Sobre essa característica, Gomes e Amaral (2005) expõem seus entendimentos.

(...) as metodologias qualitativas, embora não possam permitir generalizações estatísticas de seus resultados, podem, no entanto, oferecer um quadro descritivo e aprofundado dos significados e das percepções que movem os sujeitos da pesquisa, permitindo o que se denomina de “generalizações naturalísticas” (GOMES; AMARAL, 2005, p. 45).

Esse estudo apresentou-se como uma pesquisa descritiva e explicativa. Sobre esse entendimento, corroboramos com os apontamentos propostos por Gil (2010). De acordo com o autor, uma pesquisa descritiva tem como objetivo a descrição das características de uma dada população. Nesse cenário, ao analisar as alianças conforme objetivo apresentado foi possível empreender uma análise com a descrição desse contexto da formação e da manutenção de alianças entre torcidas organizadas. Associado a esse viés descritivo, como forma de complementação, foi empreendida também uma análise explicativa sobre o objeto de estudo.

As pesquisas explicativas têm como propósito identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos (GIL, 2010, p. 28). De acordo com o autor, uma pesquisa com essa perspectiva busca explicar a razão e a motivação da ocorrência desses fenômenos. Nesse cenário, portanto, muito mais que identificar as variáveis em torno do objeto estudado, explicá-lo se torna fundamental para o seu entendimento.

Quando discorremos sobre a formação de alianças entre TO, observamos um cenário caracterizado pela diversidade, fundamentalmente, em virtude do grande número de grupos de torcidas existentes em cada localidade desse país e que fazem parte dessas alianças. Nessa perspectiva, pensando na viabilidade desse estudo, fez-se necessário a elaboração de critérios para seleção do grupo de torcidas que seria estudado. Sob esse aspecto, em razão da longevidade dessa aliança – configurando-se com uma das formações mais antigas –, e também pela representatividade desses agrupamentos no cenário futebolístico, optamos pela análise do relacionamento inter-torcidas envolvendo a Torcida Organizada Galoucura, do Atlético – MG,

a Torcida Organizada Força Jovem, do Vasco da Gama e a Torcida Organizada Mancha Alviverde, do Palmeiras.

Ao optar por esses agrupamentos de torcedores, tornou-se fundamental para a realização desse estudo empreender uma incursão à campo para coletar as informações necessárias. Desse modo, foi escolhida a pesquisa de campo como meio de investigação. Além de ser utilizada para a obtenção de informações acerca de um dado problema e descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (GOMES; AMARAL, 2005), esse método é importante uma vez que aproxima o pesquisador do seu objeto, colocando-o nos espaços onde acontecem os fatos, fenômenos e processos (SANTOS, 2002). Optamos, portanto, pelos encontros festivos promovidos por essas torcidas em razão da notória presença de membros não só pertencentes a essa aliança específica, mas também pela presença de outras torcidas aliadas.

O planejamento inicial dessa pesquisa previa a presença nas festas de aniversário das três torcidas organizadas. Sendo assim, a primeira festividade analisada foi a festa da Galoucura, no dia 15 de novembro de 2017, realizada na Serraria Souza Pinto, localizada na região central de Belo Horizonte. O segundo evento observado foi a festa da Mancha Alviverde, no dia 13 de janeiro de 2018, na quadra da torcida, localizada na região da Barra Funda, em São Paulo. Os dias que precederam o evento da torcida organizada do Palmeiras, participei de uma confraternização organizada por antigos membros da Mancha e da Força, na casa de um dos fundadores da torcida palmeirense. Esse encontro foi importantíssimo para o desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que a partir desse contato pude organizar a realização das entrevistas. Foi uma grande oportunidade para a minha apresentação enquanto estudante e responsável pelo estudo e uma forma de conhecê-los e também deles me conhecerem.

O evento seguinte seria a festa de aniversário da Torcida Força Jovem, em fevereiro de 2018. No entanto, em outubro de 2017, foram presas¹ mais de 70 pessoas na sede da própria torcida organizada. Além disso, a Força Jovem estava e ainda está proibida de comparecer aos jogos da equipe carioca. Provavelmente, diante desse cenário de instabilidade, não houve nenhuma comemoração oficial organizada pela torcida.

Para adentrar nesses eventos, resolvi cumprir todos os requisitos de um torcedor comum. Em ambas as festas, a venda dos ingressos era feita na própria sede da torcida, pela internet ou na bilheteria no dia do evento. Dentro dessas possibilidades, portanto, optei por

¹ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-08/justica-mantem-proibicao-e-torcedores-do-vasco-nao-podem-ir-estadios>

adquiri os bilhetes pelo meio eletrônico. Cheguei aos locais dos eventos com duas horas de antecedência para a abertura dos portões, com o intuito de observar a movimentação dos torcedores na chegada ao local.

Na festa da Galoucura, marcada para começar as 18 horas, cheguei ao espaço por volta das 16 horas e lá fiquei observando os torcedores que chegavam e concentravam-se em baixo do Viaduto de Santa Tereza², que fica em frente ao local da festa. Sobre a comemoração organizada pela Mancha Alviverde, ela estava marcada para começar às 21 horas. No entanto, houve um problema que atrasou o início do evento. Um dos integrantes da torcida acidentou-se³ durante os ajustes finais da festividade, vindo a falecer dias depois. Em razão desse fato, a festa demorou a começar e ainda tinha a possibilidade de ser adiada. A diretoria da Mancha, por meio do seu presidente, André Guerra, antes do início da festa, foi ao palco e informou o ocorrido, afirmando que a festa continuaria como forma de homenagear o seu integrante.

Durante a realização desses eventos, a observação foi utilizada como instrumento de coleta de dados. A partir do tema relacionado ao problema de pesquisa, o observador define as pessoas e escolhe o local onde estas estejam na situação que se pretende analisar (GOMES; AMARAL, 2005, p. 73). Dentro dessas observações, as autoras também destacam que é usual a utilização de um diário de campo com o objetivo de permitir ao pesquisador registrar as conversas informais, observações do comportamento durante as falas, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados e ainda suas impressões pessoais, que podem modificar-se com o decorrer do tempo. Pensando no registro dessas informações, utilizei o *WhatsApp* para essa finalidade. Através desse aplicativo de celular bastante popular, todas as observações pertinentes ao estudo eram gravadas por meio dessa ferramenta.

Sobre as observações realizadas nos dois eventos, conforme mencionado anteriormente, na abordagem às pessoas nas festas, não me apresentava como estudante ou pesquisador. Especialmente antes do início das atrações musicais, conversava informalmente com as pessoas fazendo perguntas sobre as torcidas que eles faziam parte. Normalmente, iniciava uma conversa com os torcedores que estivessem com alguma vestimenta alusiva à uma torcida organizada específica. Como já tinha um trânsito facilitado com os membros mais

² O Viaduto Santa Tereza é um dos principais símbolos da cidade de Belo Horizonte, localizado na região central da cidade, próximo ao Parque Municipal da capital mineira. Para saber mais, acessar: <http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativo-turistico/viaduto-santa-tereza>

³ Petherson Oliveira Martins, integrante da Mancha Alviverde.

antigos dessas torcidas, optei por conversar com os torcedores mais jovens, não focando apenas nas torcidas analisadas nesse estudo.

Essas incursões a campo foram fundamentais para a realização dessa pesquisa, estreitando laços, fundamentalmente, com os membros mais antigos dessas torcidas. Em função desse contato, além dos ricos bate-papos informais realizados, aproveitou-se o ensejo para convidá-los à participarem dessa pesquisa respondendo algumas perguntas por meio de entrevistas, de caráter semiestruturadas. A escolha desse tipo de instrumento deve-se a possibilidade de aprofundamento sobre uma ou mais perguntas feitas ao entrevistado que, por sua vez, contribui com o relato de suas experiências e opiniões a respeito de um determinado tema (LAVILLE; DIONNE, 1999; GOMES; AMARAL, 2005).

Sobre o tratamento crítico das entrevistas levamos em consideração os pressupostos da análise de conteúdo. Essa técnica permite ao pesquisador realizar deduções em torno das respostas dos entrevistados, após uma averiguação minuciosa dos dados. A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2011, p 44). A autora ainda acrescenta que o objetivo dessa análise “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).”.

Dentro dessa perspectiva, participaram desse estudo os membros mais antigos desses grupos que vivenciaram o processo de fundação dessas torcidas organizadas e também estavam presentes no momento de formação dessas alianças. Pelo lado da Torcida Força Jovem do Vasco, contribuíram com essa pesquisa o Joy Prestes Garcia, apelidado como “caveira negão”, que participa da torcida desde 1991, quando fundou a 4ª família⁴ da Força Jovem. O Délcio Monteiro, conhecido como “Índio”, que esteve presente dentro da torcida entre os anos de 1983 e 2013. Francisco Carlos, chamado de “português”, participa da torcida desde a sua fundação, na década de 1970.

Pela Mancha Alviverde, participaram o Ricardo Raphael Rodrigues e Aquiles Ignácio de Carvalho. Embora não façam mais parte da torcida, são figuras importantes na

⁴ De acordo com o site oficial da Força Jovem, “o início dos anos 90 a FJV passou por uma reestruturação que marcaria para sempre a Torcida. A Torcida passa a se organizar dentro de bairros, cidades e estados, dando origem às FAMÍLIAS. O termo Família foi inspirado na Família Corleone, do filme ‘O Poderoso Chefão’. Na ficção o termo Família significava o respeito, a confiança e a união entre pessoas diferentes, porém com um mesmo ideal”.

história da torcida, uma vez que são fundadores da antiga Mancha Verde, no ano de 1983. O Ricardo, inclusive, foi presidente da Mancha entre os anos de 1991 e 1992. Além deles, contribuiu também o Marcos Vieira dos Santos, conhecido como “cabeção”, que é ex-integrante da Torcida Uniformizada do Palmeiras e da antiga Mancha Verde. Por fim, pelo lado mineiro dessa aliança, Paulo César Ribeiro, conhecido como “Melão” e fundador da Galoucura e o José do Carmo, chamado de “Patolino”, foram os ex-integrantes da Torcida Organizada Galoucura que deram suas contribuições para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Assim sendo, a partir das informações angariadas durante o desenvolvimento desse estudo, estruturamos esse trabalho em dois capítulos. O primeiro deles – capítulo 2 –, intitulado como “do individual coadjuvante ao coletivo protagonista: as transformações em torno do torcer”, propomos uma discussão em torno das mudanças pelo qual passou o torcer, desde a chegada do futebol no Brasil, entre o final do século XIX e o princípio do século XX, até o surgimento dos agrupamentos de torcedores, entre as décadas de 1940 e 1960. O terceiro capítulo que chamamos de “alianças entre torcidas organizadas e seus desdobramentos” é o momento que dialogamos fortemente com os dados coletados, respondendo os questionamentos apresentados no escopo introdutório desse trabalho.

2. DO INDIVIDUAL COADJUVANTE AO COLETIVO PROTAGONISTA: AS TRANSFORMAÇÕES EM TORNO DO TORCER

Quando empreendemos uma análise sobre a trajetória do futebol no Brasil, desde a sua introdução até os dias de hoje, verificamos durante esse longo período a constituição de um forte vínculo do povo brasileiro com a vivência desse esporte. Sobre essa perspectiva, a construção desse elo esteve tão profundamente relacionada às transformações pelo qual passou a população desse país que o futebol se configurou ao longo dos anos como meio de expressão e de entendimento da nossa sociedade, apresentando suas características e contradições (DAMATTA, 1994; DAÓLIO, 2006). Essa ligação é tão marcante que, ao realizarmos uma simplória observação no ímo da nossa sociedade, percebemos o quão presente é o futebol no cotidiano do povo brasileiro, sendo comumente vivenciado das mais diversas formas em cada canto desse país.

Seja por meio das famosas “peladas” realizadas nas escolas, nas quadras *society*, nas ruas e nos campos de várzeas que, por vezes, também são utilizados para realização de inúmeros campeonatos de futebol amador. Através da assistência *in loco* ou em outros recintos, como em bares e/ou restaurantes ou mesmo em casa, por meio das transmissões televisivas, radiofônicas e/ou pela internet. Ou ainda, em virtude das coberturas diárias dos clubes e das competições futebolísticas pela imprensa esportiva, além do desfile de camisas de clubes e torcidas organizadas pelas ruas das cidades espalhadas pelo país. É possível perceber que o futebol se estabeleceu como uma das principais manifestações culturais do nosso país e um efetivo espaço de lazer para os brasileiros

Diante dessa representatividade futebolística internalizada pela sociedade brasileira, é corriqueiro que até aquelas pessoas que não se interessam pelo futebol sejam inevitavelmente impactadas por ele. Sobretudo em dias de grandes jogos, as ruas são tomadas por multidões de torcedores que proporcionam um colorido especial aos locais das partidas com as cores do clube do coração. Igualmente, gritos e gestos entoados como incentivo às suas agremiações clubísticas também compõem esse cenário futebolístico, ocasionando uma série de modificações no espaço urbano das cidades. Esse contexto é intensamente fomentado pelo relacionamento passional constituído entre o torcedor e seu clube do coração, denominado por Damo (1998), como pertencimento clubístico.

De acordo com o autor, essa relação entre o torcedor e o seu clube significa “fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações. Tudo isso, é claro, de acordo com a importância e o significado assumido pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada torcedor (DAMO, 1998, p. 11).”. Sob essa conjuntura, fundamentalmente para aqueles indivíduos que entendem o futebol como relevante em suas vidas, haverá sempre momentos de alegrias em razão das conquistas alcançadas pelo seu clube. Em contrapartida, a frustração em torno das derrotas na seara futebolística também é parte do processo, propiciando ao torcedor uma mistura de emoções inerentes ao próprio esporte.

Sendo assim, a escolha clubística, portanto, poderá vir acompanhada por um envolvimento mais passional, permeado por um sentimento de identificação com o clube escolhido, no qual falar mal dele soa como uma ofensa inadmissível aos ouvidos desse torcedor que, se for necessário, destinará horas em defesa da sua agremiação. Esse processo de formação inerente ao torcedor é desenvolvido ao longo da sua vida. Desde cedo, ele será submetido a uma série de influências com o objetivo de atraí-lo para a escolha do clube do coração de quem já viveu esse momento. Comumente, esse momento de iniciação ao torcer é conduzido por pessoas que já fazem parte da sua rede de sociabilidade, sendo, normalmente, a família a principal responsável por direcioná-lo para tal escolha (SILVA, 2001; CAMPOS, 2010).

Sobre essa perspectiva, o primeiro jogo de uniforme logo nos iniciais meses de vida, o ensino do nome do time ou do mascote, a primeira vez no estádio e outras tantas experiências se tornam cruciais para essa formação do torcedor. Nesse momento, assume-se, portanto, uma nova identidade que transcende o âmbito familiar, no qual esse indivíduo se juntará a outros como ele que terão em comum a paixão pela mesma agremiação clubística e a partir dela poderão vivenciar todas as possibilidades emotivas decorrentes desse cenário futebolístico. Um nível que tem a ver com um universo feito de indivíduos e de normas universais e que se realiza concretamente na “rua” – no estádio, em pleno domínio público (DAMATTA, 1994, p. 16).

Optar por um ou mais times se apresenta como uma entre as várias decisões importantes que tomaremos durante a vida. Sob esse aspecto, se o futebol tivesse uma constituição, o torcer constaria em sua “cláusula pétrea” já que a mudança clubística é algo raríssimo e quando acontece, aquele que o faz não é visto com bons olhos. De acordo com Damo (1998, p. 13), “o clube do coração deixa de ser uma escolha *ad hoc* e, mesmo levando-se em consideração seus aspectos contingenciais e emocionais, cabe ao torcedor o ônus desta opção”. Uma vez escolhido seu clube, o torcedor se manterá fiel a ele, independentemente da situação em que se encontre seu clube. Esse sentimento de fidelidade e paixão compartilhado

pelos torcedores é a grande mola propulsora do universo futebolístico (DAMO, 1998, p. 11; SILVA, 2001, p. 14).

A partir dessa relação, o futebol se configura como uma importante ferramenta de sociabilidade, sobretudo, baseada no conflito. A presença do “outro”, representado pelo clube rival, se torna fundamental e imprescindível para consolidação desse pertencimento. Tal sentimento de pertença não se resume apenas à fidelidade pelo clube escolhido, mas também à necessária aversão ao seu oposto. Sobre esta particularidade, Damo (2001, p. 89), destaca que “as identidades clubísticas são contrastivas, de modo que o “pertencimento” não se esgota no amor ao clube do coração, mas na aversão por outro, o seu contrário”. Sendo assim, inevitavelmente, as provocações mútuas se fazem presentes, viabilizando uma discussão que tem como principal objetivo reduzir o outro, colocando-o numa situação de inferioridade quando comparado ao seu clube.

Em virtude dessas trocas jocosas vivenciadas pelos torcedores, o futebol torna-se ponto de pauta recorrente nos debates entre eles, por exemplo, após o encerramento de uma rodada do campeonato brasileiro ou mesmo dos estaduais. Nessa direção, inevitavelmente, é perceptível os sussurros futebolísticos no cotidiano das pessoas, seja no escritório, no ônibus, no metrô, no supermercado ou nas redes sociais, possibilitando assim o surgimento de jocosidades tendo o futebol como plano de fundo. São piadas, ironias, fantasias, cartazes, deboches e apostas, “jogos dentro do jogo”, que usam o futebol dentro de campo como mote para interações sociais lúdicas, em que honra, gênero e poder encontram-se tematizados (GASTALDO; HELAL, 2013, p.119).

Se hoje o torcedor e as suas manifestações têm se apresentado como principais protagonistas no campo esportivo, notadamente o futebolístico, deve-se às inúmeras transformações pelo qual passou a modalidade ao longo da sua história no contexto brasileiro. Acompanhando esse processo, a fruição do futebol através das arquibancadas apresenta-se inicialmente como uma assistência marcadamente preocupada com as aparências que esses espaços promoviam, sem um compromisso fidedigno com às instituições que estavam em campo. No entanto, na medida em que ocorre o processo de disseminação da modalidade ao longo das décadas iniciais do século XX e visualizamos o surgimento e a intensificação das rivalidades, o torcer em detrimento da assistência se apropria dos campos e dos primeiros estádios de futebol, seja de forma individual ou de forma coletiva.

2.1 Da assistência ao torcer

O processo de desembarque do futebol em território brasileiro se intensifica nas décadas finais do século XIX, mas especialmente a partir dos anos iniciais do século XX. Esse período é marcado por importantes mudanças no cerne da sociedade brasileira, especialmente, decorrentes da vivência dos primeiros anos de abolição escravocrata e também de instauração do Estado republicano. De acordo com Lucena (2000), se durante o longo período colonial toda a estrutura da nossa sociedade teve sua base fora dos meios urbanos, o crescimento das cidades no Brasil denota outra fase de relações sociais, políticas e econômicas. Sobre esse contexto, Rodrigues (2006), sintetiza:

Esse processo era revestido de promessas de transformações radicais que visavam a um rompimento dos laços da sociedade com os moldes tradicionais. A questão urbana foi marcada por acontecimentos que redefiniram a face do País. A passagem do Império para a República e a Abolição foram marcos de mudanças que atingiram diferentes dimensões da sua vida, preparando efetivamente o terreno para um novo sistema, com seu centro de gravidade não mais nos domínios rurais, mas nos centros urbanos (RODRIGUES, 2006, p. 34).

Sobre esse cenário de mudanças, Júnior (2013), destaca que uma das necessidades vislumbradas pelas novas elites dirigentes era a construção de um país moderno e industrializado. Sob essa nova conjuntura, além da necessidade de intervenções urbanas que desenvolvessem uma nova imagem de cidade, em conformidade com os modelos estéticos europeus, crescia também o interesse pela importação de um estilo de vida que também tinha como referência a Europa, vista naquele período como berço de civilização e progresso (RODRIGUES, 2006; GOIS JÚNIOR, 2013). No âmbito dessa apropriação cultural, sobretudo europeia, a vivência esportiva chegaria para contemplar os anseios de constituição dessa nova imagem de nação.

A incorporação de novas práticas esportivas realizada, especialmente, pelos grupos mais proeminentes das cidades, representava a continuidade de apropriação dos hábitos culturais em voga no continente europeu, sobretudo, na Inglaterra e na França, que eram vistas como referências de modernidade (PRONI, 1998; LOVISOLO, 2012), em detrimento dos jogos tradicionais, veiculados à uma sociedade colonial e arcaica, fonte de emergência de atitudes rudes e primitivas (LUCENA, 2000; GOIS JÚNIOR, 2013; MELO, 2013). Diante dessa

contraposição, Sevcenko (1997), acrescenta que os esportes surgiam “como um ritual elitista, revestido dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar e do *sportsmanship* (cavalheirismo, imparcialidade e lealdade).”.

Sob a regência dessas condutas inerentes à fruição esportiva, o futebol é inserido no campo esportivo brasileiro sob o signo de novo, tornando-se mais um item de modernidade europeia que não poderia faltar às aspirações de atualização da elite brasileira, devendo ser praticado por pessoas de igual condição social e racial (DAMATTA, 1994; FRANCO JÚNIOR, 2007). Sobre essa perspectiva, ainda que essa introdução futebolística tenha ocorrido paulatinamente em cada localidade desse país e de modo particular, as versões que discorrem sobre esse período apresentam um enredo similar, atribuindo às elites o protagonismo desse processo (PEREIRA, 2000; CAPRARO, 2002; RIBEIRO, 2007; GAUDÊNCIO, 2007; CAFÉ, 2013; LIMA, 2013).

A partir desses relatos, observa-se que essa apropriação da modalidade junto às elites perpassa pela criação dos primeiros times⁵ de futebol e também pela realização dos primeiros embates futebolísticos. Outrossim, por intermédio desses extratos sociais mais proeminentes são fundadas as primeiras ligas⁶, redigidos os seus primeiros estatutos e organizadas as primeiras competições. Nesse cenário de desenvolvimento do campo esportivo, notadamente o futebolístico, além da sistematização apresentada, foi incorporada a essa prática os valores distintivos que foram instituídos como uma norma, que deveriam ser seguidas no momento de fruição esportiva, compartilhados por esses estratos sociais.

Nessa perspectiva, dentro das quatro linhas, Toledo (2000), destaca que, entre outras normatizações, não era permitido que os jogadores recebessem qualquer tipo de remuneração para participar das partidas de futebol. Além disso, as ações dentro do campo de jogo deveriam ser norteadas por um comportamento considerado mais civilizado e cavalheiro, prevalecendo o *fair play* sobre todas as decisões inerentes às partidas. Emprestava-se ao jogo um significado pretensamente educativo (TOLEDO, 2000, p. 10). Esse comportamento cortês

⁵ A criação das primeiras agremiações destinadas a prática do futebol seguiam duas tendências. A primeira seria a fundação de times de futebol com um único objetivo que seria a prática da modalidade, como, por exemplo, o Fluminense *Foot-ball Club*, fundado em 1902, e o América *Foot-ball club*, fundado em 1904, ambos na cidade do Rio de Janeiro. A segunda tendência seria a inserção do futebol no rol de modalidades oferecidas pelos clubes esportivos existentes naquele período. Na situação em questão, exemplificando, o Clube Náutico Capibaribe, de Recife, e o Clube de Regatas do Flamengo, do Rio de Janeiro, que eram clubes destinados à prática de esportes aquáticos inseriram o futebol respectivamente nos anos de 1909 e 1911 (FRANCO JÚNIOR, 2007; FERNANDEZ, 2016; LIMA, 2013).

⁶ A primeira Liga entre clubes foi a Liga Paulista de Football (LPF), criada em 1901. Posteriormente, em 1905, foi criada no Rio de Janeiro a Liga Metropolitana de Football (LMF).

não se restringia aos jogadores dentro de campo, se estendendo compulsoriamente ao público que assistia aos jogos.

Em seu princípio, quando o futebol ainda se configurava como uma novidade esportiva, o público que assistia aos jogos era formado, fundamentalmente, por curiosos ou entusiastas desse novo esporte, normalmente, circundantes dos espaços onde as partidas aconteciam (PEREIRA, 2000; COUTO, 2003; SANTOS, 2012). Esse desinteresse pela assistência às partidas seria paulatinamente reduzido ao longo da primeira década do século XX, em função do crescimento do número de times de futebol e da intensificação dos jogos realizados entre eles. O desenvolvimento desse campo esportivo influenciaria a escolha dessas pessoas pela assistência das partidas.

Esse crescente interesse pela assistência aos jogos não passaria despercebido pelos dirigentes das agremiações. No transcorrer da década de 1900, alguns clubes promoviam melhorias nas estruturas dos seus campos. Em 1909, o Fluminense aumentou suas arquibancadas para 1000 pessoas sentadas (FERNANDEZ, 2016, p. 114). Em São Paulo e Belo Horizonte, respectivamente no Velódromo Paulista e no Prado Mineiro, verificava-se uma incipiente estratificação dos espaços destinados a assistência. São criadas as “arquibancadas” para os sócios, onde eles poderiam assistir às partidas sentados, e as “gerais” para os não sócios que assistiam às partidas em pé (SOUZA NETO, 2010; FERNANDEZ, 2016).

Esse público presente aos jogos de futebol apresentava um *modus operandi* similar ao visualizado dentro de campo. Ou seja, em comparação às outras classes sociais, observava-se um comportamento mais comedido e educado do público assistente, sem nenhuma veiculação clubística, havendo no máximo aplausos diante de situações que chamassem mais a atenção das pessoas. Outrossim, os periódicos que circulavam à época buscavam destacar, de forma enfática, a elegância do público presente em função das vestimentas utilizadas em dias de jogos (CAPRARO, 2002; MATTOS, 1997; SOUZA NETO, 2010).

Sob esse aspecto, marcadamente incorporado como uma conduta distintiva, Mattos (1997), destaca que eram tempos de fraques e cartolas para os homens e pudicos vestidos de muitos panos para as mulheres, ainda que essas vestimentas não combinassem com o clima tropical comumente visualizado em cidades como, por exemplo, o Rio de Janeiro. Os elegantes membros da elite se vestiam assim e agiam assim, como se o clima temperado da Europa, de onde vinham a fazenda e o modelo de suas roupas – quando não vinham prontas – fosse o mesmo daqui (MATTOS, 1997, p.17). Sobre essa característica, Souza Neto (2010), acrescenta:

Aqueles que, na passagem do século XIX para o XX, se dedicavam a construção de uma aparência pessoal ligada a símbolos da modernidade, tanto no vestuário como nos gestos e nos comportamentos, eram chamados de *smarts*. O adjetivo não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda. *Smart* também poderia se referir a um grupo de pessoas, a certas expressões (geralmente estrangeiras), assim como certos ambientes. Para ser *smart* não bastava ser elegante, era preciso ser moderno, parecer moderno, estar investido dos símbolos da modernidade, tanto nas atitudes tomadas em público, quanto nas opções feitas nas visitas ao alfaiate (SOUZA NETO, 2010, p.23).

Essas características incorporadas pelos extratos sociais mais abastados passariam por importantes transformações em decorrência do processo de popularização vivenciado pelo esporte nas primeiras três décadas do século XX, marcando a transição entre o amadorismo e o profissionalismo. Notadamente nesse período, as equipes provenientes das elites, passariam a ter a companhia cada vez mais marcante de agremiações e jogadores oriundos de outras esferas sociais. Se em 1904, na cidade do Rio de Janeiro, o *The Bangu Athletic Club* representava de forma emblemática uma equipe formada por operários, anos mais tarde, na década de 1920, era a vez do Clube de Regatas Vasco da Gama, também na capital carioca, se destacar de forma mais proeminente não só pela presença de trabalhadores, mas também por abrir as portas para jogadores negros em sua equipe de futebol, assim como acontecia com o time da Associação Atlética São Geraldo, da cidade de São Paulo (PEREIRA, 2000; ABRAHÃO; SOARES, 2012).

Não bastasse o surgimento de inúmeras agremiações de caráter mais popular, passou-se a visualizar no cenário futebolístico o pagamento de gratificações para os jogadores. Se na instauração do futebol no Brasil, jogar sem receber qualquer tipo de remuneração era notadamente uma marca distintiva do amadorismo, com a intensificação da competitividade entre as equipes dentro de campo, era cada vez mais comum as equipes trazerem jogadores, oferecendo a eles alguma recompensa financeira, ainda que de forma velada. De acordo com Franzini (2003), esse cenário não só atenuou as barreiras econômicas, sociais e raciais que definiam certo perfil de atleta, como também disseminou pela maioria dos clubes essa oferta de dinheiro e outras vantagens para os jogadores vestirem suas camisas.

Concomitantemente a essas modificações visualizadas dentro das quatro linhas, houvera com esse processo, a ascensão de rivalidades envolvendo clubes e federações, fundamentalmente, diante das animosidades criadas em função dessa reconfiguração do futebol no cenário brasileiro. Sendo assim, contrapondo aquele comportamento mais comedido e

desinteressado, sobretudo do público assistente, nos primórdios do esporte, visualiza-se nesse período a incorporação por parte das pessoas que assistiam aos jogos de um comportamento mais passional em relação ao seu clube de predileção. Em função desse cenário, Franco Júnior (2007) destaca que nesse período, as preferências dessas torcidas já eram manifestadas por diversas vezes de forma hostil e até certo ponto violenta em relação aos seguidores rivais.

Outro exemplo desse processo de popularização pelo qual passava o futebol é visualizado, especialmente durante o decênio de 1910. Durante esse período, era visto um grande contingente de pessoas deslocando-se para os campos em dias de jogos. Em São Paulo, na decisão do campeonato local de 1919, envolvendo as equipes do Palestra Itália e do *Club Athletico Paulistano*, realizada no Parque Antártica, quase 40 mil pessoas estiveram presentes ao campo da equipe palestrina (SEVCENKO, 1992; FERNANDEZ, 2016). No mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro, em razão da realização do Campeonato Sul-americano de Futebol Masculino, um grande número de pessoas estiveram presentes às partidas realizadas no Estádio das Laranjeiras⁷. Na partida final, entre os selecionados do Brasil e do Uruguai, havia pessoas interessadas em assistir o grande jogo até nos morros localizados ao redor do campo do Fluminense.

Ao fundo do estádio lotado “de jovens bem vestidos e de senhorinhas elegantes” vê-se o morro, em cuja encosta se espreme uma galera-favela de cerca de 5 mil pessoas, fazendo “verdadeiros prodígios de equilíbrios e de ginástica” para assistir à partida, e irrompendo em “entusiásticas ovações” ao selecionado nacional (WISNIK, 2008, p. 208).

⁷ Nome oficial do estádio: Estádio Manuel Schwartz. Ano de inauguração: 1914.

FIGURA 3 - Estádio das Laranjeiras na final do campeonato sul-americano entre Brasil e Uruguai, em 1919



Fonte: Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/torcedor/jogos-inesqueciveis/a-primeira-copa-america#.WxTQk0gvzIU> . Acesso em: 04 jan. 2018.

Entre as décadas de 1920 e 1930, o futebol já se apresentava no contexto brasileiro como uma prática de imenso apelo popular. Nessa perspectiva, paulatinamente, os acanhados campos de futebol seriam substituídos pela construção de grandes estádios. Em 1927, era inaugurado na cidade do Rio de Janeiro, o Estádio de São Januário, de propriedade do Vasco da Gama. Anos mais tarde, na cidade de São Paulo, seria disponibilizado ao público paulista no ano de 1940, o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, comumente conhecido como Estádio do Pacaembu.

Guterman (2013) destaca que esse cenário se intensificaria em função da disputa da Copa do Mundo de Futebol Masculino, que seria realizada em 1950. Além da utilização do próprio Pacaembu, foram construídos mais dois estádios, sendo um em Belo Horizonte – o Raimundo Sampaio, atual Arena Independência –, e um no Rio de Janeiro – o tradicionalismo Jornalista Mário Filho, conhecido popularmente como Maracanã. Foram reformados ainda mais três estádios, a saber: dos Eucaliptos, do Sport Club Internacional de Porto Alegre, Durival

Britto e Silva, em Curitiba, da antiga equipe do Ferroviário (hoje, Paraná Clube), e a Ilha do Retiro, do Sport Club de Recife.

FIGURA 4 - Arquibancadas do Maracanã, durante a final da Copa do Mundo de 1950



Fonte: Disponível em: <http://trofeusdofutebol.blogspot.com/2017/10/rede-do-gol-maracana-e-o-veu-de-noiva.html> . Acesso em: 12 fev. 2018.

Diante do panorama apresentado, em meados do século XX, o futebol não só gozava de grande popularidade como também se consolidava cada vez mais como símbolo de identidade nacional. O futebol é recolocado em outras bases, promovendo as massas populares como protagonistas (dentro e fora dos gramados), em um momento de transformação do futebol em espetáculo (BRAGA, 2010). Como parte desse processo, visualizamos a construção de novos espaços para realização de jogos e, especialmente, com capacidade de comportar uma multidão cada vez mais aficionada pelo esporte e também identificada com as suas agremiações. Sob esse aspecto, o torcer ganharia ampla notoriedade na seara futebolística em detrimento do assistir, especialmente, em razão do surgimento dos primeiros agrupamentos de torcedores no cenário brasileiro.

2.2 As formas coletivizadas de torcer no Brasil

Os primeiros agrupamentos de torcedores surgiram nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, nos primórdios da década de 1940. Na capital paulista, Toledo (1996, p. 22), aponta que essa incipiente forma de acompanhar o clube de predileção era conhecida como Torcidas Uniformizadas. O autor destaca como precursora dessa nova manifestação torcedora na cidade de São Paulo, a fundação da Torcida Uniformizada do São Paulo, em 1940, por intermédio de Manoel Porfirio da Paz e Laudo Natel. De acordo com Hollanda (2016), a ideia de formação dessas torcidas nasce a partir das viagens dos estudantes das Faculdades de Direito para os Estados Unidos. [...] nos EUA eles conhecem a força dos esportes universitários e importam para São Paulo o tipo de apoio e animação das plateias norte-americanas (HOLLANDA, 2016, p. 374).

Esses agrupamentos eram formados basicamente por jovens da classe média paulistana, em sua maioria, sócios e membros pertencentes ao corpo administrativo dos clubes, no qual seus interesses somavam-se aos interesses e necessidades dessas agremiações clubísticas (TOLEDO, 2000; CANALE, 2012). Igualmente, como o próprio nome já diz, os membros dessas torcidas uniformizadas apresentavam-se em dias de jogos com uma padronização em relação às suas vestimentas. Esse padrão se constituía em calçados, bermudas e camisetas com as cores alusivas as suas agremiações clubísticas, sendo naquele período uma característica não muito usual nas arquibancadas em dia de jogos (CANALE, 2012; TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016).

FIGURA 5 - Torcida Uniformizada do São Paulo



A torcida uniformizada Tusp, a primeira do Brasil, incentiva o São Paulo e faz a festa nas arquibancadas com sua tradicional banda

Fonte: Disponível em: <http://spfcpedia.blogspot.com/2008/10/tusp-primeira-torcida-organizada-do.html> . Acesso em: 12 fev. 2018.

Na capital carioca, esses agrupamentos eram chamados de Charangas e/ou torcidas organizadas⁸. Em 1942, no Rio de Janeiro, Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor do Flamengo, fundou a Charanga - banda musical que passou a incentivar o time sem contar, com qualquer apoio financeiro do clube (TEIXEIRA, 1998, p. 45).

⁸ Tanto a Charanga Rubro-Negra como as várias Torcidas Organizadas cariocas que foram criadas entre o final dos anos 1930 até a década de 1950 contaram com métodos organizativos diferentes das torcidas organizadas que foram criadas a partir do final dos anos de 1960 em diante, predominantemente em São Paulo (CANALE, 2012, p. 49).

Depois desta, seria fundada em 1944 a Torcida Organizada do Vasco (TOV), por Aida de Almeida e um grupo de amigas que nos anos de 1950 passariam o comando a Dulce Rosalina; em 1946, surgiria a Torcida Organizada do Fluminense (TOF), por Paulista, que chefiava os tricolores desde 1939; em 1952, foi criada a Torcida Organizada do Bangu, liderada por Juarez; e, em 1957, a Torcida Organizada do Botafogo (TOB) era assumida por Tarzan, que substituíra Salvador Peixoto, veterano torcedor alvinegro da década de 1940 (HOLLANDA, 2008, p. 107).

Essas torcidas criadas no Rio de Janeiro, apresentavam um caráter mais carnavalizado, marcando sua atuação através de cânticos e ritmos entoados por pequenas orquestras musicais animadoras das partidas, ocupando as arquibancadas sob a orientação de um líder, possuidor de vínculos estreitos com o clube e também com os meios de comunicação (TEIXEIRA, 1998; HOLLANDA, 2008). Esse caráter popular e festivo apresentado pelas torcidas cariocas durante o seu surgimento advém da década de 1930, influenciado pelo jornalista Mário Filho. De acordo com Silva (2006), através do Jornal “O Globo” seria criado em 1936, o “Campeonato de Torcidas”, que premiava os torcedores mais criativos, festivos e organizados.

Sejam as torcidas uniformizadas em São Paulo ou as charangas e/ou as organizadas no Rio de Janeiro, elas apresentavam características que, notadamente, se configuravam como marcas distintivas desses grupos. A imprensa esportiva atribuía ao líder de cada um desses grupos de torcedores o “título” de chefe de torcida, sendo este torcedor conhecido como uma figura mais carismática – até certo ponto folclórica – pelos torcedores em geral, em razão da assiduidade e a paixão clubística exacerbada (HOLLANDA, 2016; TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016). Os chefes dessas torcidas eram popularmente reconhecidos como “torcedores símbolos”.

O perfil desses torcedores símbolos de certo modo representava as características desses grupos em cada uma das cidades mencionadas. De acordo com Hollanda (2016, p. 373), no Rio de Janeiro, esses líderes não eram nascidos na cidade, “vindos do interior de Minas Gerais (como Tarzã, do Botafogo), de São Paulo (como Paulista, do Fluminense) ou do Nordeste (como Jaime de Carvalho, do Flamengo), oriundos em sua maioria das classes populares”, diferentemente dos líderes paulistas. Estes são, majoritariamente, quadros provenientes dos clubes e, portanto, das elites paulistanas da época (HOLLANDA, 2016, p. 373).

Essas torcidas não se apresentavam como grandes grupos, quando comparado às torcidas atuais. De acordo com Teixeira e Hollanda (2016), naquele período, esses grupos tinham entre cinquenta e duzentos membros, predominantemente formados por jovens e adultos

do sexo masculino, que se reuniam em dias de jogos para incentivar suas respectivas agremiações clubísticas sob a batuta de um líder. Além disso, havia um bom relacionamento entre torcidas, clubes e dirigentes. Ambos atuavam sempre de forma consonante em virtude da imagem positiva e reguladora passada pelos líderes dessas torcidas, além da presença de alguns membros ligados institucionalmente ao futebol, promovendo um ambiente de forte veiculação e dependência dessas organizações de torcedores, inexistindo qualquer tipo de manifestação contrária, especialmente, aos clubes (TOLEDO, 1996; CAVALCANTE; SOUZA; CAPRARO, 2013).

Preponderava nesse período o apoio irrestrito, independente do momento atravessado pelo clube do coração, caracterizando-se pelo *ethos* mais festivo nas arquibancadas (TOLEDO, 1996; TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016). Diante da boa relação com clubes e dirigentes, essas torcidas não apresentavam maiores relações com a violência no futebol. Se havia brigas nos estádios, cumpre dizer que os casos de violência entre 1940 e 1960 costumavam ser atribuídos a torcedores anônimos, sem vinculação com as festivas torcidas organizadas (TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016, p. 10).

Some-se a esse prognóstico o fato de não haver também manifestações incisivamente contrárias aos clubes, sobre qualquer ponto de vista, fosse este positivo ou negativo. Além do mais, não existiam atividades extra-partidas, como ocorre com as atuais torcidas organizadas. Dito de outro modo, a relação que se estabelecia era única e exclusiva durante o período dos jogos, sem organização de festas ou eventos paralelos, como acontece atualmente (CAVALCANTE; SOUZA; CAPRARO, 2013, p. 42).

No entanto, paulatinamente entre as décadas de 1960 e 1970, essa forma coletivizada de torcer passaria por importantes transformações. Se em São Paulo temos a criação das primeiras Torcidas Organizadas da cidade, no Rio de Janeiro, essa nova manifestação torcedora seria classificada como Torcida Jovem (TJ). Esses grupos de torcedores galgariam notoriedade no cenário futebolístico em comparação aos antigos agrupamentos existentes nessas cidades. Essas novas torcidas se apresentavam como as primeiras organizações burocratizadas de torcedores, além de se colocarem como forças independentes dos clubes (TORO, 2004; TEIXEIRA; HOLLANDA, 2016).

A formação dessas novas torcidas revelaria o surgimento de um modelo de organização mais sistematizado, não visualizado nas primeiras organizações de torcedores. Essas modificações extinguíram o torcedor-símbolo chamado de chefe, surgindo um

organograma mais complexo, cuja peça principal era denominada de presidente (HANSEN, 2007, p. 2). Especialmente a partir da década de 1980, esses novos agrupamentos apresentariam uma configuração burocrática ainda mais complexa, fundamentada em estatutos, quadro associativo, sede para ponto de encontro, comercialização de produtos envolvendo a marca da torcida e reuniões de interação social a fim de ensaiarem cânticos, gritos de guerra, coreografias e demais performances (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; SANTOS, 2013).

Além dessa burocratização das torcidas, Toro (2004), ressalta ainda que essas mudanças perpassam, sobretudo, pela postura incorporada pelos membros desses novos agrupamentos, destacando a formação da primeira torcida organizada da capital paulista. O surgimento da Torcida Organizada Gaviões da Fiel, do Corinthians, em 1969, atestava esse caráter crítico internalizado por esses grupos de torcedores. Cansados de sofrerem derrotas esportivas, torcedores do clube do Corinthians reúnem-se e começam a configurar uma voz exigindo triunfos e denunciando os maus manejos da diretoria do clube (TORO, 2004, p. 22). Sob esse aspecto, Toledo (2010), destaca que as torcidas organizadas paulistas surgem com notória inspiração popular – em comparação às torcidas uniformizadas que eram mais comprometidas com os interesses dos dirigentes esportivos –, e em parte autônomas em relação aos clubes, muitas vezes em confronto explícito com os dirigentes.

No Rio de Janeiro, Teixeira (1998), destaca a fundação das torcidas jovens do Flamengo, em 1967, e a do Botafogo, em 1969. Em 1970, é criada a Força Jovem do Vasco da Gama e a *Young Flu*, do Fluminense. Assim como em São Paulo, entre os membros desses novos agrupamentos criados na capital carioca, é visualizado um desejo de mudança de postura frente às suas agremiações. A criação dessas torcidas coincide com os primeiros anos de instauração da ditadura militar, marcado pela efervescência de protestos, sobretudo, pelos jovens daquele período. De acordo com Hollanda (2008), o apoio incondicional deixa de ser o único fim, sendo inserido por essas torcidas a contestação, o protesto e a pressão como outras possibilidades de manifestações desses grupos que, paulatinamente, apresentavam um perfil juvenil majoritário em suas fileiras.

Se as Charangas e as Torcidas Organizadas se restringiam ao princípio de “apoio incondicional” ao time, suas dissidências, as Torcidas Jovens, criticavam os dirigentes, questionavam o desempenho das equipes e punham em xeque a atuação do antigo chefe de torcida do mesmo time. Com isto, invertiam a concepção inicial de torcida organizada até então, vaiando, fazendo passeatas e protestos (HOLLANDA, 2016, p. 383).

O surgimento desses novos agrupamentos de torcedores em São Paulo e no Rio de Janeiro incentivaria nas décadas seguintes a formação de outras torcidas. Em função dessa nova configuração torcedora, Toro (2004), destaca que “os anos 70 e 80 experimentaram a aparição de outras numerosas TO, não só no contexto paulista e carioca, como também em variadas regiões do país, sobretudo no Rio Grande do Sul, na Bahia e em Minas Gerais (TORO, 2004, p. 22)”. Sendo assim, destacando para além das torcidas já mencionadas, ainda na década de 1960, a criação das Torcidas Jovens do Santos e da Ponte Preta. Na década de 1970, surgem a Leões da Fabulosa, da Portuguesa de Desportos, a Torcida Tricolor Independente, do São Paulo, a Raça Rubra Negra do Flamengo e a Máfia Azul, do Cruzeiro. Na década de 1980, temos a fundação da Mancha Verde, do Palmeiras, a Dragões da Real, do São Paulo e a Galoucura, do Atlético Mineiro.

O aparecimento dessas novas formas coletivizadas de torcer ganharia ainda mais protagonismo na seara esportiva em razão da relação dessas torcidas organizadas – assim como ocorria com os primeiros agrupamentos de torcedores cariocas e paulistas –, com o embelezamento do espetáculo futebolístico, sobretudo, através dos cânticos de apoio ao seu clube, bandeiras, camisas e outros materiais produzidos para os dias de jogos. Tal cenário se intensifica a partir da década de 1990, notadamente marcado pelo crescimento dessas organizações de torcedores, mas também pela sua vinculação a ocorrência de atos de violência no futebol brasileiro.

Somando-se ao contexto apresentado, na transição entre as décadas de 1980 e 1990, verificamos também o crescimento das redes de relacionamento inter-torcidas. Essas redes, comumente conhecidas como alianças, é parte do processo de afirmação dessas torcidas organizadas, funcionando como ponto de apoio nessas idas e vindas desses grupos de torcedores em dias de jogos pelo Brasil. No capítulo a seguir, discutiremos sobre essa rede de torcidas, especialmente, a partir da união entre a Galoucura, Mancha Alviverde e Força Jovem.

3. ALIANÇAS ENTRE TORCIDAS ORGANIZADAS E SEUS DESDOBRAMENTOS

Antes de adentrarmos na proposta desse capítulo, procuramos inicialmente uma definição para o termo “aliança”. Sob esse aspecto, recorreremos ao tradicional dicionário “Aurélio”, que diz:

[Do fr. Alliance] S.f. 1. Ato ou efeito de aliar (-se). [Sin. (p. us.): aliagem.] 2. Ajuste, acordo, pacto. 3. União por casamento. 4. Anel simbólico de noivado ou de casamento. 5. Rel. Cada um dos pactos que, segundo as Escrituras, Deus fez com os homens. 6. Relação estabelecida entre indivíduos ou grupos sociais (famílias, parentelas, grupos de descendência ou outros) através de casamentos ordenados por regras específicas de determinação do cônjuge permitido ou ideal (HOLLANDA, Aurélio Buarque de. 2009 p. 96).

A partir da conceituação apresentada, percebemos o quão diversificado pode ser o processo de entendimento de formação de uma aliança, fundamentalmente, em razão das inúmeras possibilidades da sua concretização. Além disso, desde os primórdios da humanidade, estabelecer alianças configurou-se como um elemento fundamental para o desenvolvimento das relações no cerne de uma sociedade, carregando consigo um emaranhado de motivações e significados. Diante desse discurso, tal como apresentado acima por Holanda (2009), aliar-se, portanto, se configurou ao longo do tempo como um comportamento necessário e perceptível nos mais variados contextos.

Seja no âmbito matrimonial visualizado em diferentes culturas, seja na seara política em busca da tão importante governabilidade, seja no campo diplomático em situações de eminentes conflitos. Independentemente do panorama apresentado, o estabelecimento de alianças se apresenta notadamente como uma característica importante em nossa sociedade, se tornando um fato corriqueiro e, essencialmente, necessário. No entanto, quando discorreremos sobre esses e outros exemplos, observamos que são situações que não ocorrem simplesmente ao acaso, tendo como pano de fundo, intencionalidades em torno de si.

Dentro dessa perspectiva, diante da diversidade apresentada e, especialmente, em função das particularidades inerentes à formação de uma aliança, é importante não só conhecer esse processo, mas também compreender o seu *modus operandi*. Sendo assim, na constituição desse capítulo, apresentaremos e discutiremos as nuances em torno da construção de alianças no âmbito das torcidas organizadas, especificamente, a partir do relacionamento estabelecido

entre a Galoucura, do Atlético – MG, a Força Jovem, do Vasco da Gama – RJ e a Mancha Alviverde, do Palmeiras – SP.

3.1. As amizades

Esse processo de formação de alianças inter-torcidas no cenário brasileiro é influenciado por dois importantes fatores que se apresentam como fundamentais não só para o surgimento, mas também para a consolidação e ampliação desse fenômeno. O primeiro deles é a criação de competições de abrangência nacional. Em 1933, houve a primeira edição do Torneio Rio – São Paulo que, como o próprio nome já diz, contava apenas com equipes cariocas e paulistas.

Entre 1959 e 1968, foi realizada a Taça Brasil. Essa competição era disputada no sistema “mata-mata” e de forma regionalizada, com os jogos das fases iniciais realizados entre equipes da mesma região. Em 1967, o “Rio – São Paulo” – competição que já era conhecida como Roberto Gomes Pedrosa –, foi ampliado, passando a contar com equipes de Minas Gerais, Paraná e do Rio Grande do Sul, sendo disputada até 1970 e conhecido como “Robertão”. Essas competições são importantes para movimentar o cenário futebolístico brasileiro, resultando na disputa da primeira edição do campeonato brasileiro de futebol, em 1971, chamado à época de Campeonato Nacional de Clubes.

O segundo fator, decorrente do surgimento dessas competições durante a década de 1960, é o surgimento e ampliação do movimento de torcedores para o acompanhamento do clube de predileção para diferentes cidades, culminando na intensificação da formação de caravanas, especialmente, a partir da década de 1970.

Assim, já nos primeiros anos de realização da Taça de Prata, os torcedores de clubes do Rio de Janeiro criavam o hábito de se dirigir aos estados mais representativos da força econômica, política e futebolística nacional – São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul – a fim de assistir aos jogos de suas equipes. Tais viagens ensejavam contatos pessoais de torcedor a torcedor, de torcida a torcida, de liderança a liderança. O estabelecimento de relações cordiais e de civilidade, com a alternância entre receber bem e ser recebido cordatamente, era uma pré-condição para jogadores, jornalistas e dirigentes, modelo que em princípio tentava ser estendido aos torcedores. Não obstante, ao contrário da maior estabilidade na recepção entre os principais personagens esportivos, o universo dos torcedores desde o início parecia vivenciar essa relação de maneira mais tensa e intensa (HOLLANDA, 2008, p. 469).

Essas idas e vindas de torcedores, especialmente, para outros estados brasileiros promoveria as primeiras relações de amizade entre torcedores de clubes de futebol de diferentes cidades. Nesse sentido, entre as décadas de 1960 e 1970, era visível na seara futebolística a manutenção de um relacionamento cordial entre os torcedores do Atlético Mineiro, Flamengo e Corinthians, fundamentalmente, em razão das características mais populares apresentadas por essas agremiações. Em contrapartida, se de um lado, observa-se a formação de um vínculo entre determinados torcedores, do outro, visualizava-se um afastamento natural de torcedores dos outros clubes, notadamente, os rivais. Nessa direção, Hollanda (2008), destaca que durante o período mencionado no Rio de Janeiro, torcedores vascaínos e/ou os botafoguenses mantinham-se afastados dos torcedores atleticanos diante dessa proximidade com os rubro-negros, ocasionando em certos momentos situações conflituosas entre eles.

Nesse contexto de relações entre torcedores de diferentes cidades – tal como acontecia na Europa com os torcedores ingleses (DUNNING; MURPHY; WILLIAMS, 1992), e na Argentina com as *hinchadas* (MOREIRA, 2006) –, se estabelecia entre os torcedores brasileiros, ainda que de forma embrionária, o princípio da “síndrome do Beduíno”. Sob esse aspecto, sucintamente, dizemos que o amigo do meu amigo é um amigo enquanto o inimigo do meu inimigo também é meu amigo. O amigo do meu inimigo é um inimigo e o inimigo de um amigo é um inimigo. Dentro dessa primazia, os anfitriões recebiam os seus torcedores mais próximos de forma amistosa e assim era feito quando se invertiam os papéis. No entanto, aos rivais, sobretudo do clube recebido, restavam as hostilidades quando esses torcedores saíam de suas respectivas cidades.

Receber bem e ser bem recebido era a primazia desse incipiente cenário de sociabilidade entre os torcedores. Havia, portanto, uma espécie de trocas – simbólicas – entre essas torcidas. Sobre esse conceito de troca, recorro aos apontamentos teóricos apresentados por Marcel Mauss (2003), provenientes de suas observações realizadas em torno de diferentes grupos inseridos em diferentes sociedades. Dentro dessa perspectiva, o autor destaca que as relações sociais dentro das sociedades observadas eram regidas por um sistema de troca que extrapolava a perspectiva puramente mercadológica dessas relações. Nas economias e nos direitos que precederam os nossos, nunca se constatam, por assim dizer, simples trocas de bens, de riquezas e de produtos num mercado estabelecido entre os indivíduos (MAUSS, 2003, p.190).

A partir desse apontamento, o autor destaca que existem outros valores como “pano de fundo” desse cenário de sociabilidade. Exemplificando esse discurso, Mauss (2003)

apresenta uma entre as várias relações observadas em seu trabalho, no caso, a relação entre dois grupos existentes no noroeste americano.

O tipo mais puro dessas instituições nos parece ser representado pela aliança de duas fraternias⁹ nas tribos australianas ou norte-americanas em geral, onde os ritos, os casamentos, a sucessão de bens, os vínculos de direito e de interesse, posições militares e sacerdotais, tudo é complementar e supõe a colaboração das duas metades da tribo. Por exemplo, os jogos são particularmente regidos por elas. Os Tlingit e os Haida, duas tribos do noroeste americano, exprimem fortemente a natureza dessas práticas dizendo que "as duas fraternias se mostram respeito" (MAUSS, 2003, p. 191).

Mauss (2003) exprime como elemento de troca entre as tribos observadas “[...] os ritos, os casamentos, a sucessão de bens, os vínculos de direito e de interesse, posições militares e sacerdotais [...]”. Por meio dessas práticas, esses grupos desenvolvem suas relações e, como consequência, estabelecem suas alianças. No entanto, o autor destaca que as “dádivas” precedem essas trocas, sendo o “pontapé inicial” dessas relações. No caso em questão, quando o autor discorre especificamente sobre a relação entre as tribos “Tlingit” e os “Haida”, dizendo que eles [...] exprimem fortemente a natureza dessas práticas dizendo que "as duas fraternias se mostram respeito" [...], ele coloca esse “respeito” entre as tribos como a dádiva dessa relação. Em síntese, esse respeito mútuo permite que esses grupos realizem suas trocas e fortaleçam esses laços de amizade entre eles.

Mauss (2003) destaca ainda que esse sistema de trocas é regulado por uma tríade – classificada como “prestação total” – de obrigações: dar, receber e retribuir. Pois a prestação total não implica somente a obrigação de retribuir os presentes recebidos, mas supõe duas outras igualmente importantes: obrigação de dar, de um lado, obrigação de receber, de outro (MAUSS, 2003, p. 201). De forma simplória, recorreremos à relação apresentada anteriormente pelo autor entre as tribos Tlingit e Haida. Se um desses grupos oferece uma festa ao outro, subentende-se que aquele grupo que recebeu esse “presente” deverá não só aceitá-lo, mas como também retribuí-lo.

No âmbito da discussão proporcionada por Mauss (2003), por trás desses sistemas de trocas envolvendo os povos das sociedades mencionadas, fica claro que existe algo mais importante que o viés financeiro e mercadológica na construção de um relacionamento e/ou uma aliança. A “dádiva”, portanto, destacada pelo autor se configura como elemento central

⁹ Fraternias se apresentam como seções ou divisões dentro de uma determinada tribo.

na constituição e manutenção das relações entre grupos. Essa importante característica é visualizada na formação de alianças entre os grupos presentes nas sociedades – ditas pelo autor – primitivas, mas também é verificada na formação de aliança entre grupos dentro da sociedade contemporânea. E é justamente essa dádiva que estará presente na formação das primeiras alianças entre torcidas organizadas.

3.2 Das amizades entre torcedores à formação das alianças: o protagonismo das torcidas organizadas

A criação do Campeonato Nacional de Clubes, em 1971, pela antiga Confederação Brasileiro de Desportos (CBD) se apresenta como o pontapé inicial para o desenvolvimento desse cenário de alianças inter-torcidas. Diferentemente das competições disputadas anteriormente, no qual participavam apenas clubes dos principais centros futebolísticos, a partir desse torneio, vários estados seriam incorporados ao certame nacional. Para se ter uma ideia da dimensão que tomou essa disputa, entre a edição inicial e o ano de 1973, o número de estados contemplados passou de sete para 20.

Esse cenário ampliava as limítrofes futebolísticas e, conseqüentemente, intensificava ainda mais essa movimentação de torcedores pelos estádios do país ao longo da década de 1970, que teve seu ápice no ano de 1976. De acordo com Negreiros (2010), em partida válida pela semifinal do campeonato brasileiro – chamado à época de Copa Brasil –, disputada no Estádio do Maracanã, pelas agremiações do Corinthians e do Fluminense, mais de 70 mil torcedores da equipe paulista estiveram presentes na capital carioca para a assistência da partida, que ficaria conhecida como a “invasão corintiana”. Tal evento atestava a força que os torcedores apresentavam naquele período, diante de uma presença cada vez mais marcante nos jogos dos seus clubes em outras cidades.

Essa força que os torcedores apresentavam se consolidava com a formação das alianças entre as torcidas organizadas que surgiam, sobretudo na década de 1980, fundamentalmente, incentivadas pela, inicialmente, simbólica aliança entre os torcedores do Flamengo e do Corinthians. No dia 04 de maio de 1980, pelo campeonato brasileiro de futebol, haveria rodada dupla no Estádio do Maracanã. Na partida preliminar jogariam as equipes do Flamengo e do Bangu. Em seguida, era a vez de entrarem em campo as equipes do Vasco da Gama e do Corinthians. Além do retorno triunfante de Roberto Dinamite, no qual marcou os

cinco gols da vitória do clube carioca por 5 a 2 sobre os paulistas, foi justamente nessa partida que o então presidente do clube carioca Marcio Braga promoveria a formação da FLA-FIEL.

FIGURA 6 - “Uma vez Flamengo, sempre Corinthians, uma vez Corinthians, sempre Flamengo”



Fonte: Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/6271 . Acesso em: 21 jun. 2018.

Esse incipiente relacionamento, conforme destacado pelo Jornal do Brasil de 1980 (FIG. 6), entre os torcedores do Flamengo e do Corinthians se configura como o pontapé inicial desse movimento inicial de alianças entre torcidas organizadas. Esse contexto é corroborado pelo “Marcão”, ex – integrante da Mancha Alviverde e também da TUP – importantes torcidas do Palmeiras –, e que viveu esse período.

E aí começou a amizade entre Corinthians e Flamengo. Aliança Corinthians e Flamengo. Aliança forte! Um vinha na sede do outro. Corinthians ia no Rio. Tinha briga Palmeiras e Flamengo aqui em São Paulo e tinha cara do Corinthians no meio. Em 1979, teve um jogo no Maracanã, Palmeiras e Flamengo. A briga com o Flamengo começou mais ou menos aí. O Palmeiras ganhou de 4 a 1 do Flamengo com um time de moleque, no final de 79. Em 1980, já acabou o campeonato e começou outro.

Campeonato que a Globo começou a transmitir partida e começou com esse negócio de Fla-Fiel. Em 79, não tinha briga com o Flamengo. Chegamos no Maracanã cedo. Os caras do Flamengo colocaram a gente para dentro. Colocamos faixa, bandeira e tudo. Faltava meia hora para começar o jogo, o pessoal da TOV do Vasco apareceu com bandeira no Maracanã. Os caras do Flamengo vieram e falaram que nós estávamos lá o dia inteiro e tal...tira esses caras daí. Nós falamos que não ia tirar não. Nós não temos nada a ver com a briga de vocês com o Vasco aí. O Palmeiras ganhou de 4 a 1 e na hora da saída, foi a maior caravana que a torcida do Palmeiras já fez até hoje. Na hora da saída, os ônibus estavam parados lá fora e vários ônibus nossos foram apedrejados. Aí veio 80 e o Corinthians começou com a amizade com o Flamengo e nessa aí a torcida do Palmeiras começou amizade com o Vasco. Com a TOV, com a força jovem ainda pequena [MARCOS, MAV].

Tal como relatado pelo entrevistado, em função dessa aliança entre o rubro – negro carioca e o alvinegro paulista, inevitavelmente, os torcedores palmeirenses que nutriam um bom relacionamento com os flamenguistas, aproximam-se ainda mais dos torcedores vascaínos. Tal cenário se consolida com a aliança formada, especialmente, entre a Torcida Jovem do Vasco e a então Mancha Verde do Palmeiras. Sobre essa relação, os torcedores destacam duas versões. A primeira versão apresenta um viés saudosista, remetendo a década de 1940, antes mesmo da existência desses dois agrupamentos. Sobre essa versão, o ex – presidente da Mancha Alviverde, Ricardo Raphael, destaca uma proximidade que precede o surgimento das torcidas organizadas.

Palmeiras e Vasco tem torcidas aliadas antes mesmo de existir Mancha e a força. Ouço falar que essa amizade vem desde a década de 1950, no qual elas já eram aliadas [RICARDO RAPHAEL, MAV].

Sobre essa relação, o Marcão acrescenta que esse vínculo advém da longínqua década de 1940.

A amizade com o Vasco veio na época da guerra. Em 1940 o Brasil entrou na guerra contra o eixo. Alemanha, Japão e Itália. O Palmeiras era Palestra Itália na época e o São Paulo quis tomar o patrimônio do Palmeiras e um diretor do Vasco, Capitão Adalberto Mendes, ele vinha muito para São Paulo na época da guerra. Inclusive ele liberou São Januário para o exército fazer treinamento. Ele vinha muito para São Paulo e pegou amizade e amor pelo Palestra e na época da guerra o Palestra não foi tomado por causa dele. Ele entrou até fardado em uma final contra o São Paulo com a bandeira do Brasil. Naquela época não podia desfilar com a bandeira do Brasil sem ser cerimônia e ser nada e ele praticamente salvou o Palestra da extinção porque eles iam tomar o patrimônio do Palmeiras. Eles acabaram com o time de alemão que era dono do terreno do Canidé. Eles tomaram o patrimônio deles e foi assim a amizade. Dentro da sala de Troféu do Palmeiras tem uma bandeira do Vasco junto ao troféu de 1942 em homenagem a esse senhor, Capitão Adalberto Mendes. Então é uma amizade histórica que vem lá de trás. É muita coisa junta e quando se fala de Vasco lembra do

Palmeiras e vice-versa. Você vai ao Rio de Janeiro para Palmeiras e Vasco é a mesma coisa de você está em casa. A única coisa ruim do Vasco é a cor, preta e branca, por que o nosso maior rival é preto e branco também. Mas depois a Mancha teve muita amizade com a torcida da Força Jovem também e a TUP na época era muita amiga da Torcida Jovem do Botafogo e também é muito amiga da Galoucura também. Infelizmente a TUP praticamente acabou, mas foi uma grande torcida que nós fizemos parte, depois nós fomos para a Mancha. [MARCÃO, MAV].

Essa história apresentada pelos dois ex – membros da torcida organizada palmeirense, é retratada no próprio site do Palmeiras¹⁰. Em 1942, o Brasil, sob o governo de Getúlio Vargas entraria na segunda guerra mundial, ao lado dos países Aliados – dentre eles, os Estados Unidos – contra os países do Eixo, formado por alemães, italianos e japoneses. Em função desse cenário, foi implementado pelo Estado Novo de Vargas a Campanha de Nacionalização. Elaborada para construir uma versão da identidade nacional brasileira, essa ação reprimia representações étnicas e culturais que não se enquadravam no perfil do considerado genuíno brasileiro. Sobre essa perspectiva, o Palestra Itália passaria por inúmeras dificuldades nesse período em razão da sua natureza italiana.

Diante desse cenário, a instituição palestrina não teve outra opção, senão, mudar o seu nome para Sociedade Esportiva Palmeiras. E a mudança ocorreu dias antes da partida que seria jogada contra a equipe do São Paulo, considerado por muitos, como um dos principais responsáveis pela perseguição à equipe alviverde. O agora, Palmeiras precisaria de apenas uma vitória diante da equipe do Morumbi para sagrar-se campeão estadual. O jogo foi realizado no Estádio do Pacaembu sob um clima de muita tensão. No momento de entrada em campo é que, vem o ápice dessa história. Diante das vaias que se ensaiavam precedendo a entrada do time palmeirense, os jogadores surgiram no gramado do Estádio do Pacaembu com uma bandeira do Brasil, puxada pelo Capitão do Exército Brasileiro e vascaíno, Adalberto Mendes. A partida terminaria 3 a 1 para a equipe do Palmeiras. Essa partida ficou marcada na história do clube como a “Arrancada Heroica”. Justamente pela presença de um torcedor do Vasco na história do Palmeiras é que muitos atribuem essa longevidade da amizade entre os torcedores.

¹⁰ Disponível em: <http://www.palmeiras.com.br/historia/dia-do-palmeiras-a-historia-da-arrancada-heroica>

FIGURA 7 - Arrancada Heroica, em 1942.



Fonte: Disponível em: <http://www.palmeiras.com.br/historia/dia-do-palmeiras-a-historia-da-arrancada-heroica> . Acesso em: 15 abr. 2018.

A segunda versão sobre esse forte vínculo entre palmeirenses e vascaínos remete à uma figura emblemática na história da Mancha Alviverde. Cléo Sóstenes Dantas da Silva, ou simplesmente Cléo. Foi presidente da Mancha entre os anos de 1987 e 1988. Sergipano e de família Vascaína, ele é apontado como um dos principais responsáveis pela manutenção dessa amizade, no caso, no âmbito das duas torcidas organizadas.

A Mancha e a Força Jovem do Vasco começaram a amizade porque o Cléo gostava muito do Vasco. A família dele era sergipana e torcia pelo Vasco e pelo Palmeiras. E o Cléo iniciou o contato com a Força Jovem no começo dos anos 1980. A amizade foi aumentando. O pessoal vinha para São Paulo em churrasco ou jantares da torcida. O pessoal ia daqui para o Rio de Janeiro também. E tinha outra, naquela época anos 80 e início dos anos 90, todo jogo em São Paulo o pessoal da Mancha ia no jogo do Vasco. Todo jogo do Palmeiras no Rio o pessoal do Vasco ia também. A gente estava sempre em contato. O Vasco ia jogar contra a Portuguesa a gente estava lá. O Palmeiras jogava contra o América lá em Caio Martins, o pessoal do Vasco estava lá. Aí foi fortalecendo a amizade [MARCÃO, MAV].

Ainda durante a década de 1980, outras situações promoveram mudanças na constituição dessas alianças. Conforme destacado anteriormente, existiam certas amizades entre

torcedores. Diante da aproximação entre flamenguistas e corintianos, palmeiras e vascaínos consolidaram uma amizade que já existia de outros tempos. No entanto, durante o mesmo período, outras alianças se formariam, especialmente, em razão das disputas ocorridas dentro de campo. Sob esse aspecto, as animosidades envolvendo os torcedores do Atlético Mineiro e do Flamengo distanciariam as duas torcidas, aproximando os atleticanos dos vascaínos, especialmente, no final da década de 1980.

Em 1980 e 1981, ambos os clubes travaram verdadeiras batalhas dentro de campo, seja em competições nacionais – Brasileiro –, ou sul-americanas, no caso, o famoso jogo de desempate realizada no Estádio Serra Dourada, em Goiânia, pela Taça Libertadores. Diante das atuações polêmicas apresentada pela arbitragem em ambas as partidas, aquele cenário de paz visualizado entre os torcedores mineiros e cariocas nas décadas de 1960 e 1970, ganharia outra proporção diante da rivalidade assumida pelos clubes. No entanto, discorrendo especificamente sobre a formação da aliança entre a Torcida Organizada Galoucura do Atlético – MG e a Força Jovem do Vasco, ela se consolidaria em 1987. Sobre essa relação, o Paulo Cesar, também conhecido como “Melão”, um dos fundadores da TOG nos relatou sobre o princípio desse relacionamento.

Depois daquela decisão de 1987, do campeonato brasileiro, entre Atlético e Flamengo, houve um conflito muito grande entre atleticanos e flamenguistas, tanto no Rio quanto aqui em Belo Horizonte. Aí virou uma rivalidade nacional. A partir daí começou a ter as torcidas “amigas” do Atlético e as “amigas” do Flamengo. No caso, a Força foi a primeira porque o Vasco é o maior rival do Flamengo, aí a Força ficou sendo a nossa primeira aliança mesmo. A torcida do Botafogo também veio. E como a Mancha tinha uma amizade muito grande com a Força e uma rivalidade muito grande com a torcida do Corinthians que era muito amiga do Flamengo a aliança ficou assim [MELÃO, TOG].

Fundamentalmente, em razão dessa aliança constituída entre a TOG e a FJV, a então Mancha Verde se aproximaria dos atleticanos. No entanto, essa aproximação com os palmeirenses só aconteceria após reuniões entre os representantes da torcida atleticana, já que ainda havia resquícios das amizades existentes ainda na década de 1970. Especificamente sobre esse aspecto, José do Carmo, chamado de “Patolino, também da Galoucura, destaca uma preferência pela torcida do clube rival do Palmeiras, o Corinthians.

Eu era a favor de uma união com a torcida do Corinthians. Mas houve a decisão em 1990 e então não houve a situação. Outra parte era a favor da união com a torcida do

Santos. Mas aí houve um consenso e o pessoal fechou com a Mancha Verde [PATOLINO, TOG].

Aqueles membros que eram contrários à aliança com a principal organizada do Palmeiras, destacavam dois argumentos. O Primeiro, e talvez o mais importante, era a origem italiana do clube paulista, a mesma do grande rival do Atlético – MG, o Cruzeiro. O segundo argumento destacava a característica mais popular do clube mineiro que se assemelhava ao grande rival palmeirense, o Corinthians. No entanto, desde 1990, a atual Mancha Alviverde e a Galoucura se apresentam como torcidas aliadas.

Torcedores do Palmeiras e do Cruzeiro mantinham um respeito mútuo, justamente, em razão da origem dos dois clubes. Ambos surgiram como “Palestra” e por motivações políticas, tiveram que mudar os seus respectivos nomes ainda na década de 1940. Essa relação amistosa entre as duas torcidas caiu por terra em 1988. Em outubro do mesmo ano, o Cléo, então presidente da Mancha Verde, é assassinado. No dia seguinte após sua morte, o Palmeiras enfrentaria o Cruzeiro, pelo Campeonato Brasileiro. Antes de a bola rolar, houvera inúmeras homenagens para o Cléo.

No entanto, os torcedores cruzeirenses aproveitaram o momento para tirarem um sarro com a situação e houve reação dos torcedores palmeirenses, gerando uma briga generalizada nas arquibancadas do antigo Estádio Palestra Itália. Desde então, ambas as torcidas são inimigas e tal situação fomentou ainda mais essa aproximação dos palmeirenses com os atleticanos.

3.3 Os espaços de interação

Conforme amplamente destacado no escopo introdutório desse trabalho, as alianças entre torcidas organizadas se constituem como um importante espaço de sociabilidade e de lazer para os seus membros. A interação entre os membros desses grupos normalmente ocorre quando uma dessas torcidas viajam para acompanhar o seu clube de predileção. Nos locais dos jogos, a torcida anfitriã recebe os integrantes da torcida aliada em sua sede e de lá partem para o estádio. Especificamente, em 2017, quando a Mancha Alviverde e a Força Jovem vieram a Belo

Horizonte, chegaram próximo ao horário das partidas. Durante as andanças à campo e nas conversas com os membros dessas e de outras torcidas organizadas, evidenciou-se que tem sido cada vez mais recorrente esse tipo de viagem mais curta, chegando praticamente na hora do jogo e retornando ao final.

Se realizarmos uma comparação geracional, percebemos que as redes sociais virtuais têm galgado protagonismo, sobretudo, na manutenção dessas relações entre torcidas organizadas, substituindo em muitas situações a presença física desses torcedores. As páginas no *Instagram* e, principalmente, no *Facebook*, em detrimento dos sites, tem se configurado como um dos principais canais de diálogos dessas torcidas com seus membros e integrantes das torcidas aliadas. No entanto, os encontros festivos organizados pelas torcidas, especialmente, as comemorações de aniversário, tem se apresentado como um notório espaço de interação entre os membros dessas organizações de torcedores. Por se tratar de datas já esperadas e, por isso, passível de planejamento de ida a esses encontros, é marcante a presença de integrantes de inúmeras torcidas aliadas.

Em novembro de 2017, foi realizada a festa da Galoucura. Observando o espaço no qual foi realizado o evento, era facilmente visualizado membros das torcidas organizadas do Bahia – BAMOR e a Terror Tricolor –, do Santa Cruz – Inferno Coral –, do Grêmio – Jovem Gremista –, e, obviamente, membros da Força Jovem e da Mancha Alviverde. No dia da festa, jogavam em São Januário, Vasco e Atlético – MG pelo Campeonato Brasileiro. Por isso, a presença de torcedores, principalmente, da Força Jovem era pequena. Um dado interessante sobre a presença dos membros das torcidas aliadas é que eles trazem consigo materiais de suas torcidas para vender ou mesmo trocar por outros acessórios.

Essas trocas, inclusive, é uma possibilidade desses integrantes levarem com eles uma lembrança da festa, sobretudo, da torcida organizada anfitriã. Ao retomarmos a discussão apresentada por Mauss (2003), compreendemos que essas trocas de materiais é uma forma de consolidar essa aliança. Ou seja, a dádiva dessa relação seria a manutenção do laço entre os integrantes dessas torcidas. Tanto é que havia torcedores presente na festa ou mesmo membro de uma determinada torcida, mas com a camisa de outra, no caso, aliada.

FIGURA 8 - Festa de aniversário da Torcida Organizada Galoucura.
Foto tirada antes do início do evento.



Fonte: Arquivo pessoal.

A festa da torcida Mancha Alviverde foi realizada em janeiro de 2018, aconteceu sob forte comoção. Primeiro, que era uma festa norteadada por homenagens ao antigo presidente e fundador da torcida, Moacir Bianchi, assassinado em 2017. De acordo com alguns integrantes da torcida Mancha Alviverde, o Moacir era uma figura importantíssima na torcida que queria resgatar as tradições do próprio torcida. No dia a dia com os membros mais antigos da Mancha, o nome mais citado era o do Moacir, o que demonstra sua proeminência para a torcida. Tanto é que no Carnaval de 2018, o samba enredo da Escola de Samba Mancha Verde – A Amizade. A Mancha Agradece do Fundo do Nosso Quintal –, fala sobre amizade e tinha nele a figura central como homenageado.

FIGURA 9 - Festa de aniversário da Torcida Mancha Alviverde.
Homenagem ao Moacir e ao Cléo



Fonte: Arquivo pessoal.

Além do caráter simbólico que o evento trazia, momentos antes do início da festa, houve um acidente com um dos membros da torcida, conhecido como “Pet”, que o levou a óbito dias depois. Ele ajudava na organização da festa e era um integrante bastante conhecido no dia a dia da torcida. Esse incidente, inclusive, chegou a ameaçar a realização do evento, que teve seu início atrasado por algumas horas.

O evento foi realizado na quadra da Mancha Alviverde, na Barra Funda. Assim como o ocorrido na festa da Galoucura, era notória a presença de membros de outras torcidas organizadas. Observei torcedores da torcida do ASA – Mancha Negra –, e do CSA – Mancha Azul –, ambos clubes de Alagoas, e também da Força Jovem do Goiás. Havia membros da Galoucura e também da Força Jovem. No entanto, em ambas as festas, era um contingente reduzido, em torno de cinco membros por torcida organizada.

Os membros das torcidas organizadas provenientes da região nordeste ficavam mais próximos entre eles em comparação às torcidas da região sul e sudeste. Uma possível justificativa para essa proximidade deve-se às alianças construídas pelos agrupamentos de torcedores nordestinos. Lá, conforme destacado por Souza e Antônio (2014), existe uma divisão em dois grupos de torcidas– Lado “A” e “B” –, e por meio dessa configuração esses grupos interagem entre si.

Na festa da Mancha, assim como no evento da Galoucura, os membros das torcidas aliadas traziam consigo vestimentas de suas respectivas torcidas para comercialização. Além disso, em conversa com os torcedores, tomei conhecimento que eles voltariam no dia seguinte para as suas cidades. Outro dado interessantíssimo que observei nesse evento era a distância mantida entre os membros da torcida Jovem do Goiás e da Galoucura. De acordo com os relatos, essas duas torcidas não mantêm nenhum vínculo de amizade entre elas. Isso demonstra que existe certo código de conduta nesses espaços no qual eventuais diferenças entre uma ou outra torcida organizada não são levadas para esses ambientes. Igualmente, tal fato corrobora a existência de diferenças dentro dessas grandes uniões de torcidas.

No entanto, as redes sociais se configuram, atualmente, como um dos principais espaços de interação entre os membros de torcidas organizadas. Se boa parte desses agrupamentos não possuem sites, é através de páginas como o *Facebook* e/ou o *Instagram*, que essas torcidas dialogam com seus membros e se expressam das mais diversas formas, seja como forma de veneração à sua torcida ou agindo de forma depreciativa aos torcedores rivais. É por meio desse meio de comunicação que podemos conhecer, por exemplo, quem são ou não as torcidas aliadas.

A utilização das redes sociais e a aquisição – efêmera ou definitiva –, de um espaço como sede para às torcidas organizadas se apresenta como a principal diferença quando analisamos os espaços de interação disponíveis para os membros dessas torcidas, sobretudo as aliadas, quando comparamos com o período incipiente de constituição dessas alianças. Retomando ao período compreendido entre as décadas de 1980 e 1990, observamos um *modus operandi* distinto.

Os estádios se apresentavam como principal ponto de encontro desses torcedores. Diferentemente do que é visualizado hoje, em dia de jogos dos clubes ou mesmo da seleção brasileira, os torcedores chegavam mais cedo às cidades onde eram realizadas às partidas, eram conduzidos pela torcida anfitriã para os arredores do estádio ou para a casa de algum membro da torcida aliada e lá, eram recepcionados, especialmente, com um churrasco. Em São Paulo, o antigo Parque Antártica era a casa da Mancha. No Rio de Janeiro, São Januário ou o Maracanã era o local de recepção dos membros aliados e, em Belo Horizonte, a Galoucura tinha um sítio na região metropolitana destinado para esse fim.

Esses antigos espaços de encontros entre os membros dessas torcidas são relatados pelo Délcio, conhecido pelos membros como “Índio”.

A respeito dos encontros da Força Jovem, quando nós íamos para São Paulo, quando íamos encontrar com o pessoal do Palmeiras, o pessoal da Mancha, o pessoal da TUP e o pessoal da Inferno Verde, a gente encontrava com eles lá no estádio do Parque Antártica – a galera não tinha sede e nem quadra – em dias de jogos nossos ou quando tinha uma final do Palmeiras e a galera ia daqui para São Paulo e nos encontrávamos na casa de amigos lá. Quando eles vinham aqui para o Rio de Janeiro, a gente encontrava com eles em São Januário. Fazíamos com eles churrascos. Tinha churrasco tanto em São Paulo quanto no Rio. Eles também vinham aqui para curtir uma final. Vasco e Flamengo ou Vasco e Fluminense. Jogo da Seleção Brasileira, o pessoal da Mancha vinha com um ônibus, encontrávamos com eles em São Januário e íamos para o Maracanã [ÍNDIO, FJV].

A Galoucura surgiu em 1984. A nossa amizade começou ali na segunda metade da década de 1980. A gente ia para Minas Gerais, Vasco e Cruzeiro ou Vasco e Atlético e nós éramos recebidos pela Galoucura. Tinha o Mineirão e eles tinham também um local, parecido com um sitio, a gente sempre estava com eles quando encontrava em Minas Gerais. No Rio de Janeiro também nós recebíamos eles em São Januário ou nas salas do Maracanã [ÍNDIO, FJV].

A partir desses relatos apresentados pelo Índio, compreendemos que o fato de um membro receber em sua própria casa os integrantes de uma torcida aliada nos dá uma ideia de como era a relação entre esses agrupamentos. Ouvindo os membros mais antigos percebe-se uma proximidade muito grande entre eles que por diversas vezes destacavam que não se tratava somente de uma aliança, mas sim de uma forte amizade. Essa forte ligação visualizada entre eles parece ser cada vez mais rara no cenário atual, especialmente, diante do porte que essas torcidas alcançaram, reduzindo os laços entre os seus membros.

Diante do cenário apresentado nesse tópico, observamos que a aliança entre a Galoucura, a Força Jovem e a Mancha Alviverde passou por importantes transformações geracionais que coincidiram com o crescimento dessas torcidas. No início, pequenos agrupamentos de torcedores que possibilitava uma maior interação entre os seus membros de tal forma que muitos deles eram recebidos em sua própria residência ou propriedade particular. Os membros chegavam aos locais dos jogos mais cedo para participarem de confraternizações.

Em contrapartida, o crescimento dessas torcidas, especialmente a partir da década de 1990, faz com que seja necessário a construção de sedes e quadras para reunião desses agrupamentos que também passam a ser utilizados como espaço de recepção para as torcidas aliadas. As idas e vindas aos jogos cada vez mais rápida reduz a intensidade das confraternizações desses grupos que cada vez mais se relacionam pelas redes sociais virtuais, que assim passam a substituir a presença física desses torcedores pelo diálogo a distância. Nesse

cenário de mudanças nas relações inter-torcidas, emerge no final da década de 1980 e início da década de 1990, os símbolos como forma de representação dessas alianças, ganhando bastante notoriedade na formação desses grupos de torcidas organizadas.

3.4 As alianças e seus símbolos

A partir da década de 1980, conforme amplamente debatido nesse capítulo, visualizamos um crescimento do número de torcidas organizadas. Com o surgimento das primeiras alianças entre elas, observamos o desenvolvimento de um agrupamento social com fortes laços entre os seus membros, criando códigos e símbolos próprios, construindo dessa forma um pertencimento de grupo, no qual os torcedores e/ou os agrupamentos adversários assumem uma posição de inimigo no discurso propalado por seus rivais.

Em função desse contexto, como forma de construção de uma identidade, percebemos no cerne dessas torcidas e, sobretudo, na composição dessas alianças, a criação de símbolos e cânticos que enaltecem a própria torcida e seus aliados em detrimentos dos seus rivais.

Diante dessas transformações, conforme apresentado no capítulo anterior, formaram-se no final da década de 1980, as primeiras alianças entre torcidas organizadas e a divisão em dois grandes blocos, amparadas fundamentalmente pela “síndrome do beduíno”. De um lado, temos a, então, Mancha Verde, do Palmeiras, a Força Jovem do Vasco, a Jovem do Botafogo - RJ e também a Galoucura, do Atlético Mineiro. Do outro, temos a Jovem – Fla, do Flamengo, a Independente, do São Paulo e a Máfia Azul, do Cruzeiro. A Gaviões da Fiel e a Torcida Jovem do Flamengo, por desavenças de suas diretorias, rompiam seu vínculo de amizade em 1988.

A partir da constituição desses incipientes grupos de torcidas, os símbolos que emanam dessas uniões ganham bastante notoriedade. Dentro dessa perspectiva, quando nos referimos a essas grandes alianças inter-torcidas, o ato de levantar os braços para cima e cruzá-los se configura como um grande sinal de identificação. Ou seja, ao observamos os torcedores nas arquibancadas ou mesmo os gestos proferidos pelos jogadores após a comemoração de um gol dentro de campo, podemos afirmar facilmente quem são os agrupamentos que constituem

essas alianças, já que os gestos se apresentam indubitavelmente como sinais distintivos dessas grandes uniões.

Quanto a símbolos, dedo cruzado, isso é novo. Isso aí é de mais ou menos metade dos anos 90 para cá. Quem começou com isso foi o pessoal do Flamengo. Porque antigamente as torcidas organizadas tinha o símbolo do time, o escudo do time e o símbolo da torcida. Nas bandeiras também. A torcida do Flamengo, a torcida jovem, começou com esse negócio de canhão, exercito rubro-negro, cruzar os braços. Foi a primeira a começar. Começo dos anos 90 isso. Aí, as torcidas começaram...uma torcida começou a colocar Che Guevara... Mas antes não. Antigamente tinha isso não. Isso aí mais meio dos anos 90. Negócio de canhão, Che Guevara, Saddam Hussein na bandeira. Coisa que não tem nada a ver com o futebol. Isso é de 90 para cá [MARCÃO, MAV].

Esse negócio de “dedo pro alto”, nós nunca fomos ligados com isso não na nossa época. Isso começou mais ou menos por volta dos anos 2000. Os primeiros que a gente viu fazendo esse negócio aí de punho cerrado para o alto foram os caras do Flamengo que imitavam o Ayatollah Khomeini aquela celebração a ele [JOY, FJV].

Sendo assim, em função das incursões a campo e também das entrevistas realizadas, afirmamos que esses gestuais são iniciados no final dos anos 1980, pela Torcida Jovem – Fla, do Flamengo. Essa torcida foi fundada na década de 1960, por jovens dissidentes da Charanga Rubro-Negra. No entanto, ao final da década de 1980, visualiza-se a ocorrência de uma reformulação no qual se desenvolve um organograma inspirado na disciplina militar.

De acordo com Teixeira (2006), a Torcida Jovem do Flamengo se intitulou como “o exército rubro-negro”, apresentando como marca um tanque com três canhões e o escudo do Flamengo ao centro e seu lema: “Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo” No âmbito dessa organização, os membros dessa torcida – chamados de soldados – são subordinados a um comando central e são divididos em “pelotões”, de acordo com o bairro de origem.

Os pelotões são grupos regionais criados em 1988. Devido à expansão da torcida sentiu-se a necessidade de dividi-la em subgrupos pelo estado do Rio de Janeiro. A torcida possui pelotões em todas as regiões do Brasil. Os pelotões são formados pela junção de vários bairros numa determinada região da cidade. Com o crescimento da torcida, ela se divide para melhor controle e melhor disseminação das informações passadas pela diretoria aos chefes de pelotão, denominado de monitores. Os torcedores são subordinados a um comando central, que determina as práticas e ideologia da torcida (BARROS; BARATA; SANTOS, 2017, p. 8).

Figura 10 - “Capitão” Leonardo Ribeiro, conhecido como Léo, e seu pelotão.



Fonte: Disponível em: <https://www.flogao.com.br/torcidajovemfla/146548706> . Acesso em: 15 mai. 2018.

Além desse caráter militar, a torcida do Flamengo vinculava sua imagem à de líderes como Ayatollah Khomein – líder da revolução iraniana ocorrida em 1979 –, e também de Che Guevara – um dos líderes da Revolução Cubana, em 1959 –, trazendo consigo uma ideia de bravura, coragem e resistência associada à torcida. Igualmente, a Torcida Jovem do Flamengo, como forma de identificação da sua torcida, passa a erguer os braços e cruzar os punhos. Essas características simbólicas seriam incorporadas pelas torcidas organizadas que se aliassem a Jovem – Fla. Sendo assim, a partir desse período instaurava-se o início da União Punho Cruzado.

FIGURA 11 - Torcidas Jovem do Fla, Independente do São Paulo e Máfia Azul do Cruzeiro, representadas em dia de jogo



Fonte: Disponível em: http://www.espn.com.br/blogs/maurocezarpereira/730500_pm-de-minas-monitora-e-detem-membros-de-organizada-banida-do-flamengo . Acesso em: 01 jun. 2018.

Na direção das rivalidades que emergiam durante a década de 1980, o surgimento desses símbolos não ocorreria sem retaliação. Talvez um dos casos mais marcantes seja visualizado em Belo Horizonte, entre a Máfia Azul, do Cruzeiro e a Galoucura, do Atlético. Se do lado azul, temos a presença marcante de Ernesto “Che” Guevara, do lado atleticano, exalta-se Renê Barrientos, general boliviano responsável pela morte de “Che”. Da mesma forma, agora discorrendo especificamente sobre essa rivalidade no âmbito das alianças, se de um lado verificamos a constituição da União Punho Cruzado, do outro, em contrapartida, temos a exibição dos gestos comumente classificados como “Dedo ‘Pro’ Alto”. Sobre esse cenário o Melão e o Joy Garcia, da Força Jovem, destacam.

Isso é porque a torcida do Flamengo e do Cruzeiro, puseram Che Guevara nas bandeiras. Principalmente a torcida do Flamengo. E o símbolo do Che Guevara é o punho cruzado. Então, a Galoucura e a Mancha passaram a colocar o dedo em haste para confrontar com eles [MELÃO, TOG].

Por volta de 2000, o pessoal começou a colocar os dedos “pro” alto ironizando eles. Nós mesmos da década de 1970 e do final da década de 1980 não tínhamos isso não. Mas a torcida do Flamengo já tinha isso aí. Eu acho que eles são os pioneiros nisso [JOY, FJV].

Conforme apresentado, quando converso com os torcedores mais antigos da Galoucura, Mancha Alviverde e Força Jovem, sobre a ocorrência desses símbolos gestuais, eles não dão tanta importância e deixam claro que essa vinculação é muito mais forte com as novas gerações. Ao observarmos esses agrupamentos de torcedores, sobretudo, entre as décadas de 1990 e os anos 2000, verificamos que as torcidas organizadas se preocupam cada vez mais em criarem símbolos de identificação e exibi-los por meio de camisetas, bandeiras, faixas e outros apetrechos.

Nessa perspectiva, podemos relacionar esses grupos de torcedores contemporâneos ao que Franco Júnior (2007), destaca como “espírito clânico”. Em síntese, o autor destaca que embora normalmente um clã tenha sua base territorial fixada, quando é necessário se deslocar para outros espaços, os seus membros não se descaracterizam, se reconhecendo em qualquer lugar que esteja, seja através do seu nome, do brasão – escudo –, ou o “totem”. No âmbito desse discurso, essas torcidas organizadas funcionam como uma forma de clã no cenário urbano, no qual os gestos proferidos por esses grupos se configuram não só como um símbolo de identificação grupal, mas também uma forma de extravasamento de força e de masculinidade nessa disputa que tomou conta do espetáculo futebolístico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo central analisar a formação de alianças entre torcidas organizadas. Em razão da complexidade dessa rede de relacionamento inter-torcidas, centralizamos o estudo sobre a relação constituída pela Torcida Organizada Galoucura, do Atlético – MG, a Mancha Alviverde, do Palmeiras – SP e a Força Jovem, do Vasco da Gama – RJ. Analisamos de forma descritiva e explicativa, o processo de surgimento e manutenção dessa aliança desde a sua formação até a constituição atual. Além disso, identificamos e analisamos os espaços de sociabilidade inter-torcidas bem como os símbolos expressos por essa aliança.

A partir das informações levantadas ao longo desse estudo, verificamos que esse processo de relacionamento entre torcedores se intensifica entre as décadas de 1960 e 1970, a partir da criação das primeiras competições de abrangência nacional. Através da disputa desses campeonatos, cada vez mais clubes e regiões do país foram contemplados com o direito de participar do certame futebolístico, intensificando o deslocamento de torcedores para a assistência de jogos de futebol em diversos estádios brasileiros.

Justamente nesse período, observa-se o contato entre anfitriões e visitantes mais corriqueiro e, inevitavelmente, a criação de amizades e inimizades entre torcedores paulatinamente passaria a fazer parte do cenário futebolístico. Esse contexto sofreria alterações a partir da década de 1980, com a ascensão da FLA-FIEL, promovida pelos dirigentes dos dois clubes e muito bem recebida por torcedores flamenguistas e corintianos. Notadamente, a partir desse período, as torcidas organizadas assumem esse protagonismo e, paulatinamente, criam laços de amizades com outros grupos de torcedores, formando uma rede de relacionamento entre torcidas organizadas. Consequentemente, sobretudo, em razão das rivalidades inerentes ao cenário futebolístico, criam-se outros grupos de torcidas a partir da década de 1990.

Nessa perspectiva, falando especificamente sobre a aliança formada entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem do Vasco, verificamos inicialmente uma aproximação entre palmeirenses e vascaínos, que já vinha desde a década de 1940, que se consolida durante a década de 1980, como uma aliança de oposição aos torcedores do Flamengo e do Corinthians. Esse vínculo que já permeava as relações entre os torcedores comuns é incorporado pela Mancha e pela Força Jovem. Apresentando semelhanças ao ocorrido entre palmeirenses e vascaínos, as animosidades criadas entre os torcedores atleticanos e os flamenguistas, especialmente, diante das polemicas partidas realizadas pelo Campeonato

Brasileiro de 1980, pela Taça Libertadores da América de 1981 e pela Copa União de 1987, criaram as condições necessárias para uma aproximação entre a Galoucura à Força Jovem e, conseqüentemente, a Mancha Alviverde.

O final da década de 1980, portanto, é marcado pela formação de dois grandes blocos de torcidas e o surgimento de símbolos como forma de representação desses grupos. De um lado, tínhamos a Mancha Alviverde, a Força Jovem e a Galoucura, que seria as primeiras torcidas da, hoje, conhecida como União “Dedo ‘pro’ Alto”, em contraposição a aliança instituída pela Torcida Jovem do Flamengo, com a torcida Máfia Azul, do Cruzeiro e a Independente, do São Paulo, que formariam a União “Punho Cruzado”. Paulatinamente, essas grandes uniões agregariam mais torcidas, ganhando corpo durante a década de 1990 e início dos anos 2000.

Desde esse período, esse cenário vem se constituindo como um importante espaço de sociabilidade e de lazer para os membros desses grupos de torcedores. Baseado na reciprocidade, a recepção às torcidas organizadas aliadas se configurava como o meio de interação mais importante para esses torcedores que tinham o estádio como principal ponto de encontro. As décadas seguintes são marcadas pelo crescimento dessas torcidas e, conseqüentemente, o aumento dessa rede de relacionamento. No cerne dessas transformações, observamos o surgimento de outros espaços de convivência para os integrantes desses grupos como as sedes e as quadras das torcidas. Atualmente, as redes sociais virtuais, sobretudo, Facebook e o Instagram, ganharam notoriedade no âmbito dessa relação inter-torcidas, surgindo como uma possibilidade de convívio para esses torcedores.

A presente pesquisa apresentou informações importantes sobre esse processo de construção de alianças entre torcidas organizadas. No entanto, conforme amplamente apresentado e debatido dentro desse trabalho, o grupo analisado é apenas uma peça dentro um grande quebra-cabeça que são essas relações inter-torcidas. Sobre esse aspecto, ao lançarmos um olhar sobre o cenário atual, visualizamos a existência de outras alianças que não foram exploradas, sobretudo, pelo campo acadêmico. Sendo assim, esperamos que a partir desse estudo saiam outras pesquisas que se debrucem sobre essa temática tão pouco explorada e assim, fomentando ainda mais as discussões sobre as alianças entre torcidas organizadas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, B. O. L; SOARES, A. J. G. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 01, p. 63-76. mar. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. ed. atual. eampl. São Paulo. Edições 70, 2011. 279 p.

BARROS, Fellipe Lemos de Paula.; BARATA, Denise.; SANTOS, Thaisa Calixto dos. Torcidas organizadas de futebol e amodernização do Maracanã: a Jovem do Flamengo. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 29., 2017, Uruguai. **Anais...** Uruguai: 1 – 11 p.

BAGNI, Guilherme. **Cyberhooligans: a manifestação da violência nas Redes Sociais**. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Goiânia, 2014.

BATISTA, G. C. **Cibertorcidas organizadas: a violência das arquibancadas para a rede**. 2005. 176 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BATISTA, Klecia Renata de Oliveira. **Entre torcer e ser banido, vamos nos (re) organizar: um estudo psicanalítico da Torcida Trovão Azul**. 2011. 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Núcleo de pós-graduação em psicologia social, Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão, 2011.

BRAGA, Jorge Luiz Medeiros. As Torcidas Uniformizadas (Organizadas) de Futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940. **Esporte e Sociedade**, n. 14, v. 5, 1 - 24, mar. 2010.

CAFÉ, Lucas Santos. **Dos simpaticísimos aos incivilizados: a formação do cenário futebolístico na cidade de Salvador (1895-1918)**. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal da Bahia, Belém, 2007.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CANALE, Vitor dos Santos. **Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: Diversidades e normativas do torcer.** 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque.; SOUZA, Juliano de.; CAPRARO, André Mendes. O Fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil – Elementos teóricos e bibliográficos. **ALESDE**, n. 01, v. 3, 39 - 51, abri. 2013.

CAVALCANTI, Z. G. **Identidade coletiva de torcidas organizadas de futebol de São Paulo.** 2002. 202 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

CAPRARO, André Mendes. **Football, uma prática elitista e civilizadora** - investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. 2002. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o Futebol: Integração social e identidades coletivas (1897-1927).** 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Curso de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, 2003.

DIAS, Celso Osório da. **“Olê, olá o nosso time está botando pra quebrar”:** um estudo sobre torcidas organizadas no Brasil. 1991. 276 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol.** Rio de Janeiro. Editora Pinakotheke, 1982. 124 p.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **RevistaUSP**, São Paulo, n. 22, 10-17, 1994.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, 129-156, agosto. 2003.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier:** o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. 1998. 237 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

DAMO, Arlei Sander. Bons para torcer, bons para se pensar - os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. **Motus Corporis**, v. 5, n. 2, p. 11-48, nov. 1998.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura, Educação Física e Futebol**. 3 ed. Campinas: Unicamp, 2006. 150 p.

DUNNING, Eric.; MURPHY, Patrick.; WILLIANS, John. La violencia de los espectadores en los partidos de fútbol: Hacia una explicación sociológica. ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. In: **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 295 – 322.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**. Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 433 p.

FERNANDES, Fernando Manuel Bessa. **Campo de força**: sociabilidade numa torcida organizada de futebol. 2000. 140 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2000.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **O Jogo da Distinção**: C.A. Paulistano e Fluminense F.C. - Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901 – 1933). 2016. 508 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938). Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket. 2009.

GAUDÊNCIO, I. R. P. **Diversão, Rivalidade e Política**: O REXPA nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950). 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

GASTALDO, Edison. HELAL, Ronaldo. Homo Ludens e o futebol – espetáculo. **Revista Colombiana de Sociologia**, v. 36, n. 1, p. 111-122. jun. 2013.

GIANOLI, Manuel Gustavo Manrique. **O torcedor de futebol e o espetáculo da arquibancada**: características da participação de torcedores brasileiros em jogos de futebol. 1996. 206 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 5 ed. São Paulo. Atlas, 2010. 184 p.

GOMES, Christiane Lucce.; AMARAL, M. T. M. **Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer**. Brasília. SESI/DN, 2005. 89 p.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009. 270 p.

HANSEN, Viviane. **Torcidas Organizadas Os Fanáticos**: relacionamentos e sociabilidades. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do *Journal dos Sports* (1940-1980). **Journal for Brazilian Studies.**, n. 1, v. 5, 367-404, nov. 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988). 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GOIS JÚNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 95-117, dez. 2013.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis. 3 ed. atual. e ampl. São Paulo. Atlas, 2000. 289 p.

LARA, Luiz Marcelo de. **Violência na torcida organizada de futebol**: estudo de caso da torcida trem fantasma (2009-2013). 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber** – manual de metodologia da pesquisa em ciências Humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999.

LIMA, E. J. S. **Recife entra em campo: história social do Futebol em Recife (1905-1937)**. 2013. 361 f. Tese (Mestrado em História) – Pós-graduação em História Social da Cultura, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2013.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. 2000. 361 f. Tese (Doutora em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MAGALHÃES, Narjara Soares. **Violência no futebol em fortaleza: o Poder Público entra em campo?** 2015. 175 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas) - Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MARQUINHO, Marcelo dos Santos. **O Papel civilizador da Câmara dos Deputados e as torcidas organizadas de futebol: uma análise de projetos de lei no período 2005-16**. 2016. 276 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Centro Universitário Unieuro, Brasília, 2016.

MATTOS, Cláudia. **Cem Anos de Paixão: uma mitologia carioca no futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 125 p.

MAUSS, Marcel; LEVI-STRAUSS, Claude; GURVITCH, George; LEVY-BRUHL, Henri. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 535 p

MELO, Victor Andrade. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). **História (São Paulo)**, v. 32, n. 2, p. 163-188. dez. 2013.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar ao inimigo massacrar: raça rubro-negra!:** uma etnografia sobre o futebol, masculinidade e violência. 2001. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MOREIRA, María Verónica. Acerca de las alianzas futbolísticas y de cómo se consolidan: un caso paradigmático en Argentina. **Esporte e Sociedade**, n. 2, v. 5, 1 - 14, mar. 2006.

NEGREIROS, Plínio Labriola. A invasão corinthiana –Rio, 05 de dezembro de 1976. **Revista Aurora**, São Paulo, n. 9, 114-127, 2010.

OLIVEIRA, Ana Beatriz Correia de. **A torcida raça rubro-negra e seus ídolos do futebol**. 2000. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares. **Violência no futebol brasileiro: os discursos de torcedores organizados**. 2015. 284 f. Dissertação - (Mestrado em Ciências da Motricidade) Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol, violência e autoafirmação: aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté, SP: Vogal, 1997. 160 p.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Futebol e violência entre torcidas organizadas: a busca da identidade através da violência**. 1995. 260 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 337 p.

PRONI, Marcelo. **Esporte-espetáculo e Futebol-empresa**. 1998. 119 f. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Conflitos, Territórios e Identificações: o encontro de experiências nas Torcidas Organizadas Cearam e M.O.F.I**. 2010. 213 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. 2007. 180f. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, Larissa Cristina. **Torcida Organizada em Goiás x Imprensa Goiana: por que essa relação é tão complicada?** 2014. 62 f. Monografia (Especialização em Jornalismo Esportivo) - Cursos de Extensão e Pós-Graduação Lato Sensu, Universidade Estácio de Sá, Goiânia, 2014.

RODRIGUES, Marilita Aparecida. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade - uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. 2006. 338f. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. 114 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. 186 p.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 5 ed. rev. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 162 p.

SANTOS, H. S. **“Pugnas Renhidas”**: futebol, cultura e sociedade em Salvador, 1901 - 1924. 2012. 361 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. 1998. 143 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SANTOS, Vanessa Conceição Alves dos. **A produção discursiva da identidade social no contexto de uma torcida jovem organizada**. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 5 ed. rev. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 162 p.

SEVCENKO, Nicolau.; NOVAIS, Fernando A. Novais. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 760 p.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 390 p.

SILVA, E. M. **As torcidas organizadas de futebol: violência e espetáculo nos estádios**. 1996. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 238 p.

SILVA, Silvio Ricardo da. *et al.* Torcedores organizados em Belo Horizonte. In: SILVA, Silvio Ricardo da.; DEBORTOLI, José Alfredo de Oliveira.; SILVA, Thiago Felipe da. **O futebol nas gerais**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2012. p. 23-48.

SILVA, Silvio Ricardo da *et al.* **Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007.** Belo Horizonte: [s.n.], 2009.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida é bem feliz...** da relação torcedor com o clube. 2001. 130 f. (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SILVA, Elisabeth Murilho da. **As torcidas organizadas de futebol:** violência e espetáculo nos estádios. 1996. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 121 p.

SOUZA, Luís César de. **Torcidas organizadas e educação:** da violência explícita às contradições não evidentes. 2014. 192 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SOUZA, Bruno Jeuken; ANTÔNIO, Victor Sá Ramalho. Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 14, p. 1-18, 2014.

SOUZA NETO, GEORGINO JORGE. **A INVENÇÃO DO TORCER EM BELLO HORIZONTE:** da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Programa de Pós – Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal do Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara.; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: Desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Esporte e Sociedade**, n. 28, v. 11, 1-26, set. 2016.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão:** filosofia e prática das torcidas jovens cariocas. 1998. 222 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: A metafísica do homem comum. **Revista de História**, n. 163, p. 175-189. dez. 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas do futebol**. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2002. 342 p.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luíz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo da vida na metrópole**. 1994. 220 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)**. 2004. 119 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **“Nordestinando as arquibancadas”**: os cangaceiros alvinegros no universo das torcidas organizadas cearenses. 2016. 256 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

WISNIK, Jose Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 446 p

APÊNDICE

A) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Adriano Lopes de Souza, aluno de mestrado, orientado pelo Professor Dr. Silvio Ricardo da Silva, venho por meio desse termo convidá-lo (a) à participar, **VOLUNTARIAMENTE**, da pesquisa intitulada como “Alianças entre Torcidas Organizadas: Análise a partir da aliança estabelecida entre Torcida Organizada Galoucura, do Atlético – MG, a Mancha Alviverde, do Palmeiras – SP e a Força Jovem, do Vasco da Gama – RJ.”. O objetivo da pesquisa é analisar as alianças estabelecidas entre as torcidas organizadas, a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde, e a Força Jovem, atentando-se ao processo de surgimento dessa aliança desde a sua incipiente formação perpassando pelo cenário atual, buscando identificar e compreender os significados em torno desse relacionamento e seus espaços de sociabilidade. Visando contemplar esses objetivos, será realizada uma entrevista semiestruturada com membros mais antigos que participaram do processo de formação dessas alianças e também com os membros atuais para compreender o *modus operandi* desse relacionamento nos dias hoje. Igualmente, para identificar e analisar os espaços de sociabilidade e seus significados, será empreendida uma pesquisa campo com observação, fazendo uso de um caderno de campo para as anotações necessárias.

Eventualmente, poderá haver alguns riscos, especialmente, constrangimentos em virtude das indagações que serão feitas durante a realização das entrevistas sobre a temática abordada. No entanto, você poderá por qualquer motivo e a qualquer momento não responder ou abandonar a pesquisa sem que isso lhe cause ônus. Na mesma direção, não há nenhum tipo de ressarcimento por sua participação. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, na sala do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG e a outra será fornecida a você. Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

Em caso de dúvidas e eventuais esclarecimentos, poderá entrar em contato através do telefone de contato desse pesquisador – (31) 98897-0300 – ou por meio do seu correio eletrônico – adriano.maceio@hotmail.com

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo.

Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Belo Horizonte, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do voluntário

Assinatura do pesquisador

B) ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Nome:

2. Idade:

3. Qual torcida organizada você fez/faz parte?

4. Qual período você fez/faz parte dessa torcida?

5. Qual é/era a função exercida dentro da torcida?

6. Você recorda de qual (is) torcida (s) era (m) / é (são) aliadas da sua torcida?

7. Existe (iam) torcidas aliadas fora do Brasil? Qual (is) é (eram) a (s) torcida(s)

7.1. Como era estabelecida essas alianças?

7.2. Qual (is) era (m) o(s) critérios estabelecidos para essa relação de aliança?

7.3. Quais os espaços de interação entre as torcidas?

8. Especificamente, sobre a longínqua união estabelecida entre com as Torcida Organizada Galoucura (TOG), do Atlético – MG, a Mancha Alviverde (MAV), do Palmeiras – SP e a Força Jovem (FJV), do Vasco da Gama – RJ, quando surgiu essa aliança?

8.1. Qual (is) motivação (ões) contribuíram para formação de cada uma dessas alianças?

8.2. Como era conduzida essa relação entre as torcidas?

8.3. Quais espaços de interação entre as referidas torcidas?

8.4. Até que ponto a aliança das torcidas rivais influenciaram na formação dessa união?

8.5. Existia diferença no tratamento com os torcedores comuns (não pertencentes as torcidas organizadas)?

8.6. Você poderia falar um pouco sobre os símbolos da torcida e dessa união?